



Revista de História  
ISSN: 0034-8309  
revistahistoria@usp.br  
Universidade de São Paulo  
Brasil

Heinz Arenz, Karl  
“NÃO SAULOS, MAS PAULOS”: UMA CARTA DO PADRE JOÃO FELIPE BETTENDORFF DA  
MISSÃO DO MARANHÃO (1671)  
Revista de História, núm. 168, enero-junio, 2013, pp. 271-322  
Universidade de São Paulo  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=285027996010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# “NÃO SAULOS, MAS PAULOS”:

## UMA CARTA DO PADRE JOÃO FELIPE BETTENDORFF DA MISSÃO DO MARANHÃO (1671)

Contato  
Universidade Federal do Pará  
Rua Augusto Corrêa, nº 1 – Guamá  
66075-110 – Belém – Pará  
E-mail: karlarenz@ufpa.br

**Karl Heinz Arenz**

Universidade Federal do Pará

### **Resumo**

O presente documento foi redigido em 1671, em forma de carta circular, pelo padre luxemburguês João Felipe Bettendorff, superior da Missão do Maranhão. Escrita em um contexto de crise econômica e incerteza jurídica, a missiva elucida dois pontos pouco pesquisados pela historiografia: as dificuldades enfrentadas pela missão amazônica após a primeira expulsão dos jesuítas em 1661, e as dissensões internas da Companhia de Jesus em decorrência de sua rápida expansão ultramarina.

### **Palavras-chave**

Amazônia – jesuítas – evangelização.

“NOT SAULS, BUT  
PAULS”:  
A LETTER OF FATHER  
JOÃO FELIPE  
BETTENDORFF FROM  
THE MARANHÃO  
MISSION (1671)

Contact  
Universidade Federal do Pará  
Rua Augusto Corrêa, nº 1 – Guamá  
66075-110 – Belém – Pará  
E-mail: karlarenz@ufpa.br

**Karl Heinz Arenz**

Universidade Federal do Pará

## **Abstract**

The present document was composed in 1671, in the form of a circular letter, by Father John Philip Bettendorff from Luxembourg, superior of the Maranhão Mission. Written in a context of economic crisis and juridical uncertainty, the letter clarifies two points under-researched by historiography: the difficulties faced by the Amazon Mission after the first expulsion of the Jesuits in 1661, and the divisions within the Society of Jesus as a result of its rapid overseas expansion.

## **Keywords**

Amazon region – Jesuits – evangelization.

## Introdução

A Missão do Maranhão constituiu, entre 1639 e 1759, a circunscrição administrativa da Companhia de Jesus no então Estado do Maranhão e Grão-Pará.<sup>1</sup> Fundada pelo padre Luís Figueira, ela não conseguiu, no entanto, desenvolver-se de imediato por causa das invasões holandesas no litoral maranhense. Somente a chegada do padre Antônio Vieira, conselheiro do rei-restaurador d. João IV, fez com que a Missão não só se consolidasse, mas também expandisse de maneira significativa. A presença do famoso inaciano na Amazônia portuguesa, entre 1653 e 1661, deixou marcas profundas nesta colônia tardia e precária.<sup>2</sup> Além de estimular a fundação de mais de cinquenta aldeamentos em lugares estratégicos,<sup>3</sup> ele obteve, em 1655, uma lei que instaurou o monopólio temporal e espiritual dos jesuítas sobre os índios.<sup>4</sup> Sem se conformar com o acesso restrito à mão-de-obra indígena – em razão das disposições da nova lei –, os colonos se revoltaram abertamente em maio de 1661. Em setembro, Antônio Vieira foi, junto com a maioria dos jesuítas, expulso para o Reino. Dois anos depois, em setembro de 1663, o novo monarca, d. Afonso VI, decidiu interditar a volta de Vieira e restringir a atuação jesuítica à esfera pastoral.<sup>5</sup> Nesta situação, um grupo reduzido e, em grande parte, composto por missionários jovens e estrangeiros, se viu forçado a adaptar a Missão do Maranhão a uma conjuntura doravante desfavorável à política traçada por Vieira. Entre estes jesuítas "sobreviventes" se destacou o padre João Felipe Bettendorff. Nascido em 1625, em Lintgen, no então Ducado de Luxemburgo, este jovem missionário entrou, já diplomado

<sup>1</sup> Em 1727, a Missão do Maranhão foi elevada à categoria de vice-província. Ver LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. 4. Rio de Janeiro/Lisboa: Livraria Portugalia/Instituto Nacional do Livro, 1943, p. 219-222.

<sup>2</sup> A colonização lusa iniciou-se somente em 1616 e, ao longo do século XVII, não se estendeu para além de alguns pontos estratégicos. Em termos econômicos, um modesto extrativismo florestal, que dependia do saber e fazer dos índios, garantiu uma rentabilidade moderada. Ver ARENZ, Karl Heinz. *De l'Alzette à l'Amazone: Jean-Philippe Bettendorff et les jésuites en Amazonie portugaise (1661-1693)*. Sarrebruck: Éditions Universitaires Européennes, 2010, p. 45-56.

<sup>3</sup> Dauril Alden fala de mais de cinquenta missões fundadas por Vieira na região amazônica. Ver ALDEN, Dauril. *The making of an enterprise: the Society of Jesus in Portugal, its empire, and beyond (1540-1750)*. Stanford: Stanford University Press, 1996, p. 113.

<sup>4</sup> Ley que se passou pelo Secretario de Estado sobre os Índios do Maranhão. Alcântara, 09/04/1655. Anais da Biblioteca Nacional (ABN). Rio de Janeiro, vol. 66, 1948, p. 25-28.

<sup>5</sup> Provisão em forma de Ley sobre a Liberdade dos Índios do Maranhão e forma em que devem ser admenistrados no espiritual pellos Religiosos da Companhia e os das mais Religiões de aquelle Estado. Lisboa, 12/09/1663. ABN, vol. 66, 1948, p. 29-31.

em filosofia e direito romano, na Companhia de Jesus em 1647.<sup>6</sup> Logo após a sua ordenação sacerdotal, em 1659, ele viajou a Portugal para se preparar ao trabalho missionário no Maranhão, onde ele aportou, junto com seu compatriota Gaspar Misch, em 20 de janeiro de 1661. Enviados – ainda pelo padre Vieira – a missões remotas no vale amazônico, os dois conseguiram esquivar-se da deportação. No final da insurreição dos colonos, em meados de 1662, Bettendorff foi nomeado superior da casa de Belém e, um ano mais tarde, de São Luís. Em setembro de 1668, ele tornou-se superior da Missão, permanecendo neste cargo por dois turnos trienais, até 1674.<sup>7</sup> Em seguida, Bettendorff continuou a ocupar, quase sem interrupção, até o ano de 1693, outros postos administrativos importantes: reitor do colégio de São Luís, procurador extraordinário em Lisboa e, por mais um mandato, superior da Missão.

Como todos os superiores maiores da Companhia de Jesus, o padre luxemburguês manteve um contato epistolar direto com o superior geral em Roma que, na época, era o padre João Paulo Oliva (1661-1681). De fato, desde 1542, quando Francisco Xavier partiu para as Índias, os missionários jesuítas enviaram regularmente cartas e relatórios minuciosos à cúria central da Ordem em Roma, fornecendo informações sobre as novas plagas com seus respectivos povos, mas também compartilhando preocupações e apontando perspectivas.<sup>8</sup> Assim, oito meses antes do término de seu primeiro triênio à frente da Missão (1668-1671), o padre Bettendorff escreve, no dia 5 de fevereiro de 1671, uma longa missiva em latim, assinalando, de forma insistente e veemente, a falta de missionários.<sup>9</sup> O seu pedido para que os futuros evangelizadores fossem "não Saulos, mas Paulos" (fl. 283Ar), isto é, homens comprometidos com a evangelização em meio a povos "pagãos e bárbaros", é emblemático, pois remete os leitores-alvo ao estado precário da vasta missão amazônica. Embora enviada à cúria geral, a carta é endereçada primeiramente a todos os padres e irmãos jesuítas da Europa. No entanto, tudo indica que a missiva, ao invés de circular pelas províncias europeias,

<sup>6</sup> Ver João Felipe Bettendorff. Disposições testamentárias. Luxemburgo/Tournai/Dinant, 1647-1651. Archives nationales du Grand-Duché de Luxembourg. Luxemburgo, cx. A-XXXVIII-6, fl. 1r-10r.

<sup>7</sup> Ver BETTENDORFF, João Felipe. *Crônica dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves/Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 147-300.

<sup>8</sup> Ver PÉCORA, Alcir. A arte das cartas jesuíticas do Brasil. In: Idem. *Máquina de gêneros*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 17-68.

<sup>9</sup> João Felipe Bettendorff. Carta circular. Belém, 05/02/1671. Archivum Romanum Societatis Iesu (Arsi). Roma, cód. Bras 26, fl. 279r-283Av.

ficou arquivada no generalato em Roma.<sup>10</sup> A carta tem como pano de fundo a grave crise econômica que atingiu o mundo colonial nas décadas de 1670 a 1690. A mesma estava na origem da maioria dos problemas sentidos por missionários e moradores na Amazônia portuguesa, sobretudo a escassez de alimentos e a irregularidade dos navios de abastecimento.<sup>11</sup> Além do profundo sentimento de abandono – resultante das penúrias vividas –, o trauma da expulsão e a perda da administração temporal sobre os índios fizeram pairar um clima de profunda incerteza sobre a missão inaciana. Sem condições de fazer uma análise mais apurada, Bettendorff fornece, como uma das possíveis explicações para as mazelas enfrentadas, o desinteresse e desdém de seus confrades europeus para com a Missão do Maranhão. A carta circular aponta, neste contexto, para a tensão entre as missões do Oriente (China, Índia e, até meados do século XVII, Japão), muito estimadas, e as do Ocidente (Américas), de pouca consideração, que surgiu nas casas de formação na Europa desde o último quartel do século XVI.

Este fenômeno esteve ligado, em grande parte, à visão etnológica formulada pelo jesuíta espanhol José de Acosta (1539–1600) em seu escrito *De procuranda Indorum salute*.<sup>12</sup> Nesta obra, Acosta subdivide os povos da Ásia e das Américas em três classes. Os orientais (chineses, japoneses e hindus) constituem a primeira, pois, segundo o autor, eles possuem escrita, literatura e filosofia próprias, códigos de direitos complexos, uma arquitetura urbana e uma religião com dogmas, clérigos e templos. O jesuíta espanhol os compara aos antigos gregos e romanos. A segunda classe são os povos ameríndios dos planaltos, isto é, os astecas do México e os incas do Peru. Mesmo não tendo produzido uma escrita, nem uma literatura, eles lançaram, assim

<sup>10</sup> Durante pesquisas realizadas nos Archives départementales du Nord em Lille, na Bibliothèque Royale em Bruxelas, nos Archives nationales du Grand-Duché de Luxembourg em Luxemburgo – onde se encontra grande parte do arquivo da antiga Província Galo-Belga –, como também nos Archives Jésuites de la Province de France em Vanves e no Archiv der Deutschen Provinz der Jesuiten em Munique, não foi encontrada nenhuma cópia da referida carta.

<sup>11</sup> A economia portuguesa sentiu fortemente os impactos da crise econômica em razão de suas finanças arruinadas (em decorrência das querelas com a Espanha até 1668), da perda sucessiva de entrepostos na Ásia e da concorrência inglesa, francesa e holandesa (devido à produção de açúcar nas ilhas caribenhas). Ver ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *L'économie politique des découvertes maritimes*. In: NOVAES, Adauto (dir.). *L'autre rive de l'Occident*. Paris: Métailié, 2006, p. 67–76; MAURO, Frédéric. *Des produits et des hommes: essais historiques latino-américains (XVI<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècles)*. Paris: École Pratique des Hautes Études, 1972, p. 80.

<sup>12</sup> Ver ACOSTA, José de. *De Natura Novi Orbis et de promulgatione Evangelii apud barbaros, sive de procuranda Indorum salute*. Salamanca: Impr. G. Foquel, 1588/1589, p. 117–160. José de Acosta trabalhou, de 1571 a 1587, como missionário e superior no Peru e visitou também o México.

realça Acosta, as bases para uma infraestrutura imperial e uma organização religiosa consideráveis. A terceira classe engloba os povos das planícies, isto é, os ameríndios das terras baixas. A eles, o padre espanhol não atribui nenhuma estrutura racional. A nudez, o nomadismo, uma sexualidade regida pelo instinto, a inconstância no comportamento e a ausência de lideranças tradicionais lhe servem de prova para aproximar estes povos aos animais. Contudo, ainda segundo Acosta, os índios não seriam desprovidos da graça divina e teriam a capacidade de acolher a mensagem do Evangelho.<sup>15</sup> De fato, a condição étnica não constituiu, na concepção teológica jesuítica da época, um impedimento intransponível para a obtenção da salvação.<sup>14</sup> Este pensamento etnológico quinhentista encontrou eco nas cartas e crônicas de inúmeros missionários – inclusive na missiva aqui apresentada –, haja vista que *De procuranda Indorum salute* foi um texto muito lido e comentado nos colégios e universidades da Companhia de Jesus.<sup>15</sup> Outra explicação para a preferência expressiva dos jesuítas pelas missões do Oriente consiste no fato de que, desde a partida de Francisco Xavier para a Ásia, em abril de 1541, a missionação dos povos deste continente figurou como referencial incontestável para a plena aplicabilidade dos objetivos e métodos da Companhia de Jesus.<sup>16</sup> Mais tarde, a trajetória de outros padres na Ásia só fez confirmar

<sup>15</sup> Apesar da descrição negativa dos costumes indígenas, Acosta vê os índios em estado de inocência, rejeitando, assim, qualquer tipo de determinismo biológico; visão partilhada e afirmada pelo padre Manuel da Nóbrega. Ver ZERON, Carlos Alberto de Moura Ribeiro. *Linha de fé: a Companhia de Jesus e a escravidão no processo de formação da sociedade colonial (Brasil, séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Edusp, 2011, p. 412-414.

<sup>14</sup> A restrição etnológica se viu, de certa forma, amenizada pelo paradigma da incondicionalidade e universalidade da salvação que constitui a base da "teologia da graça" concebida pelo padre jesuíta Luís de Molina. Ver QUILLIET, Bernard. *L'acharnement théologique: histoire de la grâce en Occident, III<sup>e</sup>-XXI<sup>e</sup> siècles*. Paris: Fayard, 2007, p. 338-341; SCHWARTZ, Stuart. *Cada um na sua lei: tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico*. Trad. Denise Bottman. São Paulo/Bauru: Companhia das Letras/Edusc, 2009, p. 65-70 e 210-212.

<sup>15</sup> Enquanto os missionários destinados às Américas escreveram, de forma estereotipada, sobre o canibalismo e a inconstância dos indígenas, os que foram para o Oriente tenderam a elogiar a sofisticação e complexidade das culturas asiáticas. Ver ARENZ, *De l'Alzette à l'Amazonie*, op. cit., p. 128-134 e 236-237. Bettendorff dá um exemplo da transmissão epistolar de estereótipos. Em 1665, ele descreve os índios como "pouco interessados na doutrina e nas coisas sagradas, negligentes com respeito a Deus e à salvação, estúpidos, imbecis, brutos e quase que com uma tendência inata para a inércia e a imoralidade". João Felipe Bettendorff. Carta a João Paulo Oliva. 11/08/1665. Arsi, cód. Bras 26, fl. 14r.

<sup>16</sup> Ver O'MALLEY, John. *Os primeiros jesuítas*. São Leopoldo/Bauru: Unisinos/Edusc, 2004, p. 123-124.

a centralidade dos orientais na concepção missiológica dos inacianos.<sup>17</sup> O próprio Bettendorff mandou, em 1654, sucessivamente, três *petitiones missionis* (pedidos de missão) ao superior geral, solicitando o seu envio ao Japão ou à China.<sup>18</sup> Por isso, não deve surpreender o fato de que sua nomeação definitiva para a Missão do Maranhão, recebida em 1659, resultou muito mais de um apelo geral lançado pelo padre Vieira, do que da opção pessoal do luxemburguês.<sup>19</sup> Na carta aqui apresentada, Bettendorff põe-se, por meio de uma argumentação marcadamente apologética, a questionar esta visão estereotipada, firmemente inculcada na mente dos formandos inacianos do século XVII. Por isso, ele parte do pressuposto de que a fidelidade ao ideal missionário concebida pela geração fundadora da Companhia, isto é, santo Inácio e seus companheiros, estaria plenamente realizada na missão amazônica, constituindo esta, portanto, uma missão mais autêntica do que as do Oriente. Conforme o estilo dramático da cultura barroca, o padre luxemburguês reforça seus argumentos com apelos emotivos, perguntas retóricas, diálogos imaginados e, sobretudo, inúmeras citações tiradas da Bíblia ou das tradições patrística e escolástica. Neste sentido, a carta oferece um panorama bem amplo do repertório de textos e tendências que embasaram a visão teológica do século XVII. De fato, esta foi marcada pela ressignificação do pensamento escolástico de Tomás de Aquino – mas também de Anselmo de Cantuária e Bernardo de Claraval – e uma “redescoberta” dos grandes teólogos dos primeiros séculos cristãos, como João Crisóstomo e Gregório Magno.<sup>20</sup> A carta possui uma clara estrutura tripartida. Para situar o leitor, Bettendorff inicia com uma descrição concisa (fl. 279r/v) na qual ele interpreta o declínio da Missão a partir do impacto da expulsão (1661), enfocando, sobretudo, os eventos subsequentes da epidemia de varíola (1662-1663) e da perda da administração dos índios (1663). O padre luxemburguês dá ao

<sup>17</sup> No século XVII, o italiano Matteo Ricci, o alemão Adam Schall von Bell e o flamengo Ferdinand Verbiest obtiveram altos cargos na corte imperial da China como astrônomos e matemáticos. Na Índia, o italiano Roberto de Nobili imitou a vida ascética dos monges hindus, estudando os textos sagrados em sânscrito e tâmil. Ver BOXER, Charles. *O império marítimo português: 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 248.

<sup>18</sup> Ver João Felipe Bettendorff. Pedidos missionários. 1654. Arsi, cód. Gal Bel 45, fl. 117r-117v, 119r e 120r.

<sup>19</sup> Ver Antônio Vieira. Carta a Goswin Nickel. 10/09/1658. Arsi, cód. Bras 9, fl. 65r-67v.

<sup>20</sup> Ver O'MALLEY, *Os primeiros jesuítas*, op. cit., p. 381-394; SCHMIDT-BIGGEMANN, Wilhelm. Die politische Philosophie der Jesuiten: Bellarmin und Suárez als Beispiel. In: FIDORA, Alexander; FRIED, Johannes et alii (eds.). *Politischer Aristotelismus und Religion in Mittelalter und Früher Neuzeit*. Berlin: Akademie-Verlag, 2007, p. 163-178.



relato um teor pessoal ao intercalá-lo com referências a suas próprias experiências e interferências. O resumo culmina com o lançamento de um apelo insistente de ajuda (fl. 279v) que o autor sustenta, em seguida, mediante uma longa justificativa (fl. 279v-281r) respectiva à urgência de reavivar a militância e apostolicidade originais frente ao estilo de vida "ocioso e contemplativo" que – segundo ele – acabou de estabelecer-se nos colégios europeus.

Na segunda parte (fl. 281r-283Ar), o autor rebate, de forma sistemática, seis supostas *obiectioes* (objeções) contra a Missão do Maranhão que ele imputa a seus confrades na Europa. Bettendorff as apresenta de forma resumida logo no início de sua argumentação:

Parce-me que ouço dizer alguns: "Sem dúvida, nós partiremos em missão, mas para a Missão do Oriente e não do Ocidente. Pois, assim eles falam, a Missão do Maranhão é uma missão muito pobre, habitada por gente abjeta, rude, bárbara e ingrata. Ela é cheia de trabalhos, incômodos e ofensas. Há muitos coadjutores e iletrados. Ela é extremamente perigosa, pois corre-se o risco de perecer no mar e de ver a castidade ameaçada em terra. Enfim, ela carece de toda esperança de poder morrer mártir. Visto que todas as coisas mostram ser contrárias daquelas que se encontram na Missão das Índias Orientais, devemos escolher, antes de tudo, esta do que aquela".<sup>21</sup>

Um a um, o padre luxemburguês refuta estes estereótipos. Primeiro (fl. 281v): a extrema pobreza da Missão está, segundo Bettendorff, bem conforme o ideal da mendicância e itinerância praticadas por santo Inácio e seus companheiros. Designando-a de "o grande dever e a mãe da Companhia", a pobreza é interpretada como ambiente propício para estimular o fervor missionário. Segundo (fl. 281v-282r): a "gente bárbara", ao invés de assustar e afastar, deveria atrair os jesuítas enquanto missionários chamados a ir ao encontro dos povos mais "rudes". Evitá-los constitui, para Bettendorff, um "desvio grosseiro" dos objetivos da Companhia. Terceiro (fl. 282r/v): os inúmeros incômodos e fadigas são, conforme o autor, meios ideais para fortalecer a perseverança vocacional e afirmar a aptidão para o serviço apostólico. Quarto (fl. 282v-283r): o risco de sucumbir a tantos perigos "para o corpo e para a alma", isto é, ser vítima ou de naufrágio em um dos numerosos rios ou de um atentado contra a castidade, não tem fundamento para o padre luxemburguês. Ele realça que, apesar de os missionários estarem cotidianamente expostos aos referidos perigos, ainda nenhum jesuíta teria morrido afogado nem desrespeitado o voto da castidade. Quinto (fl. 283r/v):

<sup>21</sup> João Felipe Bettendorff. Carta circular. Belém, 05/02/1671. Arsi, cód. Bras 9, fl. 281r. Tradução do autor.

diante das poucas perspectivas de morrer mártir *in odium fidei* nas mãos dos índios,<sup>22</sup> isto é, ser morto em razão de um impulso de ódio provocado pela pregação ou testemunho da fé, Bettendorff questiona a supremacia do martírio "de um instante só" em relação a um martírio de "longa duração", referindo-se aos sofrimentos e perigos suportados no ambiente tropical. De fato, a autossantificação por meio de práticas de mortificação e do desejo de morrer mártir ocupou um lugar primordial na espiritualidade barroca e, mais ainda, na formação dos jesuítas. Sexto (fl. 283v-283Ar): o argumento da predominância de coadjutores na Missão – isto é, de padres ainda não professos dos quatro votos (coadjutores espirituais) e irmãos leigos (coadjutores temporais)<sup>23</sup> – não tem, segundo Bettendorff, fundamento nenhum; haja vista que um grupo grande de padres celebrou a profissão solene no dia 2 de fevereiro de 1669,<sup>24</sup> dois anos antes da redação da carta. De fato, a falta de professos dos quatro votos foi considerada como ausência de um clima intelectual e sinônimo de ignorância nas próprias fileiras. Bettendorff, ao contrário, prioriza a disposição missionária dos membros da Missão em detrimento da titulação acadêmica ou dos degraus hierárquicos internos.

O autor termina (fl. 283Ar/v) com novos apelos que visam encorajar os confrades na Europa para optarem pela Missão do Maranhão, retomando assim o objetivo da carta. Neste contexto, Bettendorff evoca o "período de paz tranquila" – uma alusão à relativa calma na Europa ocidental e central após os tormentos da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), do conflito franco-espanhol (1635-1659) e das querelas luso-espanholas (1640-1668) – como tempo propício para os candidatos poderem alcançar Lisboa sem maiores riscos.<sup>25</sup> O tom categórico e emotivo que perpassa a carta em sua

---

<sup>22</sup> A morte dos jesuítas Antônio Pereira e Bernardo Gomes, em 1687, no Cabo Norte – região reivindicada pela coroa francesa –, acabou sendo não reconhecida como martírio. Ver BETTENDORFF. *Crônica dos padres da Companhia de Jesus*, op. cit., p. 425-432, 461-462 e 478-480; Aluísio Conrado Pfeil. Relação da maneira como indagou as circunstâncias em que foram mortos em Setembro de 1687 os Padres Antônio Pereira e Bernardo Gomes. Araguari, 12/07/1688. Biblioteca da Ajuda, Lisboa, cód. 54-XIII-4, n.º 77.

<sup>23</sup> A estatística oficial da Missão do Maranhão de 1671 apresenta dez irmãos sobre um total de vinte e cinco missionários. Nunca a porcentagem dos coadjutores temporais foi tão elevada (40%). Ver João Felipe Bettendorff. *Catalogus Missionis Maranhoniæ*. 1671. Arsi, cód. Bras 27, fl. 2r.

<sup>24</sup> Ver João Felipe Bettendorff. Carta anual. São Luís, 21/07/1671. Arsi, cód. Bras 9, fl. 261v.

<sup>25</sup> Quanto à sua viagem da Província Galo-Belga a Lisboa, em 1659, Bettendorff relata, em sua crônica, três situações de perigo: uma tentativa de assalto de mercenários alemães em Flandres, a estada e o embarque clandestinos na Holanda e a presença ameaçadora de corsários magrebins na foz do Tejo, já perto da metrópole portuguesa. Ver BETTENDORFF. *Crônica dos padres da Companhia de Jesus*, op. cit., p. 147-150.

íntegra explica-se também pelo fato de não existir um acordo dentro da Assistência Portuguesa<sup>26</sup> quanto à província-mãe responsável pelo sustento da missão amazônica. Entre os próprios missionários houve uma clara dissensão quanto a este assunto. Além disso, as duas províncias em questão – Brasil e Portugal – mostraram-se pouco interessadas em assumir plenamente a Missão do Maranhão. Também as sucessivas decisões dos superiores gerais, no século XVII, a respeito deste assunto polêmico não foram unânimes. Esta indefinição deixou a Missão extremamente vulnerável, sobretudo no que se refere à obtenção de recursos e, mais ainda, de novos missionários – objetivo central da missiva aqui apresentada.<sup>27</sup> Concluindo, a carta aqui transcrita e traduzida oferece, enquanto fonte histórica inédita, pistas relevantes para pesquisas mais aprofundadas concernentes tanto à Missão do Maranhão quanto ao Estado do Maranhão e Grão-Pará no final do século XVII, fase importante, aliás, no processo de formação da sociedade colonial. Primeiro, ela lança luz sobre as décadas “pós-Vieira” na Amazônia (1661-1680), período até agora relativamente pouco trabalhado pela historiografia; segundo, ela mostra a grande variedade de escritos patrísticos e escolásticos que marcaram não somente o pensamento teológico, mas forjaram também a mentalidade espiritual e o perfil missionário dos jesuítas no século XVII; terceiro, ela aborda polêmicas e cisões internas da Companhia de Jesus que, longe de serem meras maledicências, representam uma consequência de sua rápida expansão e consolidação enquanto ordem militante confrontada a novas e múltiplas realidades etnoculturais.

---

<sup>26</sup> Trata-se de uma instância intermediária entre o generalato da Companhia de Jesus em Roma e as províncias e vice-províncias. Nos séculos XVI a XVIII, as assistências foram geralmente constituídas conforme critérios dinásticos (coroas ibérica e francesa) ou linguísticos (regiões de língua italiana e alemã).

<sup>27</sup> Quanto à complexa questão da pertença institucional da Missão do Maranhão, ver ARENZ, *De l'Alzette à l'Amazone*, op. cit., p. 565-573. Alden realça que as querelas interprovinciais eram frequentes. Ver ALDEN. *The making of an enterprise*, op. cit., p. 236-241.

## Transcrição

### Notas preliminares referentes ao documento original e sua transcrição

1. O original do documento manuscrito encontra-se no códice Bras 9 do Archivum Romanum Societatis Iesu – Arsi em Roma. O referido volume contém parte da correspondência enviada por jesuítas do Brasil à cúria geral durante o século XVII. A carta em questão foi escrita, de maneira legível, em papel de textura grossa que, fora o tom amarelado e algumas manchas escuras em decorrência da ação do tempo, não apresenta danos maiores. O texto está disposto em coluna única que ocupa, em recto (r) e verso (v), seis fólios numerados de 279 ao 283A. A única intervenção posterior encontra-se no início do documento, sendo que, para fins de classificação, foi acrescida a breve nota Maranhão – Brasile – 1671 – XXXIX.

2. Todas as abreviaturas que constam no documento são de uso comum na correspondência jesuítica dos séculos XVI a XVIII. Elas se referem ou à titulação dos padres e superiores (p.ex. R.P. = Reverendus Pater, A.R.P.V. = Admodum Reverenda Paternitas Vestra) ou a aspectos religiosos (p.ex. X. = Cristo, S. = Santo). Conforme exigem as declinações latinas, o autor acrescentou a respectiva terminação em sobrescrito (p.ex. S.<sup>ti</sup> = Sancti).

3. A transcrição da carta seguiu basicamente as *Normas técnicas para transcrição e edição de documentos manuscritos*, sugeridas pela Comissão de Sistematização e Redação do I Encontro Nacional de Normatização Paleográfica, realizado em São Paulo, em 28 e 29 de novembro de 1990. Disponível em <<http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Transcreve.pdf>>. Acesso de novembro a dezembro de 2011. Somente os termos em português que se encontram no texto original foram postos em itálico para distingui-los.

4. Quanto aos sinais gráficos específicos da língua latina em sua forma manuscrita (no caso, as terminações de declinação em **-am** e **-æ**, a duplicação das letras **m** e **i**, o sufixo de interrogação **-que** e a acentuação da vogal **u** para diferenciá-la do **n**), optou-se por sua reprodução na respectiva forma impressa atual. Os dígrafos latinos **-æ** e **-œ** foram mantidos tais como constam no texto. Como parênteses e barras não são claramente distinguíveis no manuscrito, preferiu-se a reprodução dos dois sinais unicamente em forma de parênteses.

5. Os colchetes que se encontram incluídos na transcrição representam interferências no texto original, tendo os seguintes objetivos: a) indicar a forma correta do vocábulo precedente, em caso de erro óbvio; b) denotar rasuras ou repetições; c) apontar, quando inseridos dentro de uma palavra, a falta de uma letra. As correções foram aplicadas com base em: ALMEIDA, António Rodrigues de (coord.). *Dicionário de latim-português*. 3ª ed. Porto: Porto Editora, 2008.

[fl. 279r]

Maranhão – Brasile – 1671 – XXXIX

ihs

RR.<sup>di</sup> PP.<sup>es</sup> Fratresque in X.<sup>o</sup> charissimi

P. X.<sup>ti</sup>

Annis ab hinc undecim ex Provincia Gallo Belgica (cuius me filium, licet indignum fuisse semper gloriabor) sum egressus. Annum unum, partim in itinere; partim Ulyssipone; consumpsi: reliquos omnes in Missione Maranhonii (omnium quotquot sunt in orbe terrarum gloriosissima) exegi. Illam sub initium anni 1661 sum ingressus, et florentem sub R.P. Antonio Vieira, viro Apostolico, atque per omnia a Domino probatissimo, omniumque virtutum muneris, patientiæ præsertim absoluto, reperi. Ab hoc Missioni novæ fluvii Amazonii (cui Immaculatæ Conceptionis, eius consensu Nomen imposui) sum Præfectus: sex vel septem, non amplius, mensium tum temporis missionarius. Omnes magno studio, magnaque animi alacritate, hanc Domini vineam, copioso sane fructu excolebamus: quando humani generis hostis infestissimus; falsis, uti solet rationibus; populi animos in nos commovit: suadens fore, ut nobis e statu ejectis, Indis pro libitu dominarentur: et singuli pagis singulis (quos Administrationis, nuncupabant) præponerentur. Res eo processit, ut omnes caperemur: nunc in quibusdam urbium ædibus; nunc in ipsis navigiis (in quibus nos in Lusitaniam transmittere meditabantur) detenti. Patres, qui in S.<sup>ti</sup> Ludovici in Maranhone erant, omnes cum P.<sup>e</sup> Antonio Vieira iussu furentis populi solverunt, et in Lusitaniam sunt impulsi: ii vero, qui Bethlemiæ degebamus, navigio immensam et inexhauribilem aquæ copiam faciente, ex ipso maris alti limine redire, duorum dierum itinere, coacti sumus. Accidit interea ut a Governatore, Ruy Vas de Sequeira, adessent litteræ, quibus subsistere, et in Missiones restitui, quanquam non eo quo antea modo, iuebamur. Putabant enim (uti certo cognovi) iam omnes esse egressos: sed Deo ita volente inventi sumus, et missioni nostrisque ædibus restituti. Non potuit tam insolens facinus impunitum manere. Quare adfuit quamprimum Dei vindicta, et plurimos eius authores, variis modis (sed miserandis) e medio sustulit. pestiferam etiam luem variolarum, urbibus æque ac pagis immisit; quæ tantam hominum stragem peperit, ut vix creditu sit possibile. atque hoc modo ii qui expulsionem nostram pagis se posituros cogitaverant; pagis pariter ac suismet mancipiis domesticis sunt destituti. Non defuit tum temporis charitati exercendæ occasio, mihi Bethlemiæ aliisque in S.<sup>ti</sup> Ludovici in Maranhone, quo statim sese contulerant. Pauci multorum obibamus munia, donec quidam, sed non omnes e Regno sunt

reversi: nonnulli enim alio se contulerunt, alii vero studiis dederunt operam Theologicis quæ necdum absolverant. Nunc numero sumus viginti quinque; Patres videlicet quindecim, et Coadiutores Temporales decem. aliqui sunt sexagenarii, et sexagenariis majores; alii, affectæ valetudinis; alii etiam aliis rationibus impediti. Nihilominus strenue omnes laborantes totam Missionem quaqua versum diffusam, excolimus; ac præterea

[fl. 279v]

aliis Missionibus (quas ad adducendos infideles, vel redimenda mancipia in suos usus *Tropas* vocant Lusitani) sunt intenti: ut multa alia de novo pietatis exercitia, quibus ad Commune populi bonum attendere necesse est silentio præteream. Octo annorum spatio subsidium aliquod, tum Patrum operariorum, tum etiam reditorum sperabamus: sed post multam expectionem in hunc usque diem spe frustrati sumus. Non tamen idcirco spes nostras deponimus: verum majori fiduciâ quam nunquam a Domino Messis auxilium necessarium præstolamur. R.<sup>du</sup>s P. Emmanuel Juzarte, vir sane omni ex parte insignis, a R.<sup>do</sup> P. Commissario Antonio Glz., nomine Ad.<sup>m</sup> R.<sup>di</sup> P.<sup>tis</sup> N.<sup>i</sup> ad Missionem hanc visitandam [= visitandam] deputatus, huc venit tribus fere ab hinc annis, omnium rerum notitiam, quantum temporis angustiae permittebant, accepit: eaque habita, hinc rursum in Regnum solvit, hisce rebus afflictissimis remedium aliquod procuraturus: verum, iam tertius annus agitur, ex quo abiit nobis spe plenis relictis: et tamen hactenus nihil admodum in rem nostram actum animadvertimus. quanquam cum Novo Governatore magna affore (si promissis credere fas est) confidimus. Ego cui huius Missionis (quanquam indigno et parum idoneo) cura commissa est; e muneris mei ratione censui, violentum Missionis statum, ob operariorum paucitatem, litteris meis<sup>28</sup> in omnem terram, ad eos quorum interest ei succurrere transmissis, omnino contentione publicare. Idcirco unas dedi ad summum Christi ovilis Pastorem duabus viis. Unam ad Serenissimum Nostrum Lusitaniæ Principem, duabus itidem viis: tres ad Reginam gallice conscriptas: multas ad Ad.<sup>m</sup> R.<sup>dum</sup> P.<sup>em</sup> Nostrum viis pluribus: multas ad Serenissimorum Principum Nostrorum Confessarios, aliosque, qui hac in re sua opera prodesse possunt: Nunc hanc demum ad omnes RR.<sup>os</sup> PP.<sup>es</sup>, fratresque in Christo charissimos qui in Europa degunt dari operæ pretium arbitratus

<sup>28</sup> Embora *litteræ* seja um pluralício, supõe-se aqui seu uso no sentido plural, conforme sugere a frase seguinte.

sum, ut hac in parte impleatur illud Prophetæ: In omnem partem exivit sonus eorum et in fines orbis terræ verba eorum. Non inficior, non eum esse me, cui hoc extritum munus competat: sed charitas Dei urget me; officium Superioris incitat; animatque hoc S. Greg. dictum: Nemo dicat admonere non sufficio, exhortari idoneus non sum, quantum potes exhibe, vobiscum alios trahite, in via Domini socios habere desiderate: si ad Deum tenditis, curate ne ad eum soli veritatis; sicut enim scriptum est, qui audit dicat: veni. Idcirco nolo sub falsâ ac fucatâ animi demissi seu humilitatis specie socordiam meam, negligentiamque occultare; sed muneri meo pro viribus fungi, et (cum voce coram non liceat ob immensa marium interiecta spatia) litteris saltem tacite clamantibus, dicere omnibus ac singulis Soc.tis Nostræ in Europa degentibus: Veni. Veni, Veni ad Missionem Maranhonii, ubi agri pleni ad messem abundantem albicant: sed ob operariorum defectum misere a Comuni mortalium hoste devastantur. Veni; nihil enim aut Deo acceptius; aut tibi utilius, et gloriosius, præstare profecto potest. Audiamus ingenii atque fœcundæ eloquentiæ flumen, Sanctum Chrisostomum aureo ore, aurea verba in assertionis meæ comprobationem profundentem: Siquis Deo voluerit commendatus esse, curam habeat ovium illius, publicam quærat utilitatem, fratrum suorum saluti prospiciat; Nullum enim officium hoc Deo charius est. quid in rem nostram planius; quid aptius adferri potest? sed age, cur opus illud Deo adeo acceptum gratumque præ cæteris est. an quia ut ait idem Doctissimus iuxta ac SS.<sup>us</sup> Ecclesiæ doctor: Nihil est quod

### [fl. 280r]

animæ possit æquiparari nec universus mundus? bona est ratio, sed alias allegat: quia hæc, inquit, perfectæ charitatis Regula est; hic certissimus terminus, hoc, supremum omnium cacumen, quærere quæ communem omnium comprehendunt utilitatem spiritualem, et cum salute nostra alios lucrari. Sunt qui sibi persuadeant rem sese Deo præstare gratissimam si in Collegiis Europæ intra cubilis sui secretum, ardentes in cœlum orationes fundant, aut ieiuniis aliisque corporis afflictionibus corpus macerent, etsi animarum salutem non studeant: sed falluntur, et toto cœlo a veritate aberrant. audiant otiosi illi (quanquam virtuosos) contemplativi. Canticorum 5<sup>o</sup> legimus animam Christi sponsam orationis somno abreptam, corde nihilominus vigilasse, iuxta illud: Ego dormio cor meum vigilat. quod S. Augustinus ita exponit: Vaco et video quoniam tu es dominus; quia sapientiam scribo in tempore otii: ego requiesco a negotiosis actibus; et animus meus divinis se intendit afflatibus. hactenus S.<sup>us</sup> Augustinus. sed interrogo, ecquid sponsus, sponsa tam subli-

mis defixa contemplatione? an eam somnum capere permisit, tanquam rem sibi omnium gratissimam? nequaquam sane: sed statim pulsans, somnum interrupt, coegitque ebrumpere dicens: (ait idem S.tus Doctor) Aperi mihi soror mea; velut; si [= velut si] diceret: tu vacas et contra me ostium clausum est; tu studes otio paucorum et abundante iniquitate refrigescit charitas multorum. – aperi mihi de sanguine meo soror mea, – – – perfecta mea aperi mihi prædica me. auditis, ut sponsus prædicationem ipsi altissimæ sui contemplationi anteponit? est itaque salus animarum res ei longe gratior contemplatione, imo et corporis macerationibus quantumvis magnis. Testis mihi sit rursus S.tus Chrisostomus: licet <sup>(inquit)</sup>, ieiunando, humi dormiendo corpus maceraveris, nullam autem proximi curam habueris; Nihil egregium fecisti, sed longe abfuisti ab imitatione Christi. – – – Ipse enim Deus cum sit, propter nihil aliud nostram induit carnem, – – – nisi ut peccato obnoxios a maledicto liberaret. et alibi: quam multa propter hunc gregem passus est. servi formam assumpsit; consputus est; colaphis cæsus est; postremo ne mortem quidem recusavit et quidem ignominiosissimam. ex quibus omnibus colligere cuivis facillimum est, nihil esse salute animarum procuranda Deo acceptius et charius; quin in hoc divinissimo exercitio, summa amoris perfectissimi sese<sup>29</sup> produnt iudicia. et ne ulli ultra, ullum suborietur dubium [*rasura*] circa hanc veritatem: velim omnes attenté considerent, quomodo Christus amorem Petri iteratis vicibus probavit. Interrogabat Dominus Noster Apostulum suum Petrum, his verbis, Joannis vigesimo secundo relatis: Simon Joannis diliges me plus his? ad quod Petrus. etiam Domine tu scis quia amo te: et rursus Dominus, pasce agnos meos. non contentus nimirum Petri affirmatione quantumvis sincerâ et Deum ipsum testem invocante. nisi in ovibus pascendis amorem illum aliorum amore majorem comprobaret. zelus enim animarum opere completus, est omnis amoris et charitatis apex, et idcirco nihil Deo gratius, nihil acceptius præstari potest quam communi omnium saluti omni studio Christi imitatione incumbere. Atque hoc est primum motivum quo omnes animari velim ad Missionem hanc ubi de innumerorum salute agitur, toto studio desiderandam, <sup>et</sup> petendam.

---

<sup>29</sup> Pelo contexto, *sese* é aqui o ablativo – e não o acusativo – da forma duplicada do pronome *se/sui*.



[fl. 280v]

ut hac ratione Deo gratissimum præsentent obesquium, seque in illius familiarem amicitiam eo usque insinuent, ut de iis vere dici possit illud Jeremiæ 5º: quod separaverit pretiosum a vili; id est, inquit S. Chrisostomus: qui ab errore ad veritatem proximum, induxerit, quasi os meum erit, gratissimus scilicet et amicissimus; quia opus mihi præstat summæ charitatis; et idcirco omnium gratissimum et acceptissimum.

Verum enim vero, non solum ad Missionem provocare nos debet, aut potest proxime allata ratio: sed etiam propria nostra utilitate ac commodo iuvari stimularique debemus; quia si nihil Deo acceptius est animarum salutis studio, etiam sane nihil nobis est utilius aut fructuosius. Interest nostra, inquit scholarum Lumen et doctor Angelicus, S. tus Thomas: interest nostra quod omissis corporibus, ad impartendum aliis de acquisitis spiritualibus laboremus. Rationem dat S. Chrisostomus, dum ait: sic Deus nostram multitudinem augebit, et vos uberius superná fruemini gratiá magnam membrorum vestrorum curam gerentes. Ex quorum Sanctorum dictis sic colligo; quod si ob animarum salutem procuratam salutem [repetição] uberiori fruemur Dei gratia, consequens est ut etiam uberiori ac majori potiamur præmio; est enim proemium [= præmium] laboris merces, et gratiæ ex æquo correspondens. Canticorum 8º sic legimus, de missionariorum vineæ Christi operariorum præmio: Vineam meam coram me est, mille tui pacifici [= Pacifici], et ducenti his qui custodiunt fructus eius. in quæ verba S.<sup>lus</sup> Anselmus: His, ait, qui custodiunt fructus eius, ne fideles amittant fructus æternitatis, sunt ducenti argentei, id est, duplex pretium; ducenti duplex est centum: remunerantur enim duplici præmio quia eos lucrantur. et Doctor Angelicus, agens de laureolis quæ Beatis in cælo os [= ob] speciales victorias tribuuntur, sic ait: Laureola est privilegiatum præmium, privilegiatæ victoriæ. additque pretiosorem fore eorum laureolas [= laureolam] qui alios erudierunt, quam eorum qui vitia ac mundum subiugarunt; quia inquit huiusmodi pugna versatur circa intelligibilia, alia vero circa sensibiles passiones. quod confirmans Theodoretus (in illa verba; qui ad iustitiam erudiunt multos fulgebunt quasi splendor firmamenti in perpetuas æternitates) ait, id est habebunt similitudinem cæli ac stellarum; quasi diceret: erunt omnibus Sanctis superiores in pulchritudine: tantum, quantum cæli ac stellarum pulchritudo pulchritudine orbis terræ antecellit: audentque nonnulli dicere Angelicis inserendos choris; cum in hoc mundo degentes Angelorum nomine veniant. quod si ita est, uti esse probavi, nescio quis ad Missiones animari non debeat, cum ibi nihil sibi esse videat utilius aut fructuosius. Parum adhuc dixi,

nihil etiam sit gloriosius. Et vero quid quæso gloriosius dici aut cogitari potest, quam esse ipsos Missionarios viros apostolicos gloriam Christi, et missionariorum gloriam esse eorum opera ad Deum conversos. Ad primum quod attinet: nunquid S. Paulus 2 Corinthiorum 8<sup>o</sup> ait, fratres nostri apostoli gloria Christi? et ad secundum quod spectat: nunquid Collossenses alloquens, sic loquitur: quæ est enim nostra spes, aut gaudium, aut corona gloriæ, nonne vos ante Dominum nostrum Jesum Christum estis in adventu eius? vos enim estis gloria nostra et gaudium. Opinio probabilis est: quam docet S. Odo Cluniacensis Abbas, fore ut quilibet Missionariorum iis stipatus resurgat, et ad tribunalem toto mundo ac cælo inspectante procedat, quos doctrina sua ad Deum attraxerit. Illic, inquit S. Greg., huius sententias. Ibi [rasura] Petrus cum Judæa Conversa, quam post se traxit apparebit: ibi Paulus conversum ut ita dicam mundum ducens;

[fl. 281r]

ibi Andreas post se Achaïam; ibi Joannes Asiam; Thomas Indiam in conspectum sui Judicis ducet; ibi omnes Dominici gregis arietes, cum animarum lucris apparebunt, qui Sanctis suis prædicationibus Deo post se subditum gregem trahunt. Ibi S.<sup>ius</sup> P. Noster totam Societatem, alias fere Religiones, omnesque mundi plagas ad quas filios suos transmisit: ibi S.<sup>ius</sup> Franciscus Indiarum Apostolus Indiam, Japoniam, Chinam, innumeraque regna ac nationes; ibi S.<sup>us</sup> vir Josephus Anchieta Brasiliam; Andreas de Oviedo Patriarcha Æthiopicam; aliique insignes Societatis filii alias atque alias gentes Domino offerent. et vos RR.PP.<sup>es</sup> fratresque in X.<sup>o</sup> Charissimi quid offeretis? nihil indignum id est hominibus Societatis nostræ, de quibus Greg. 15 Papa sic loquitur: filii sacræ militiæ Societatis christiani nominis propagatione clarissimæ. aliquid ergo vobis offerendum est. an pauculos devotos ac devotas offeretis? absit: parum id quoque est, filii Soc.tis Christiani nominis propagatione clarissimæ cum sitis. quid ergo? Dicam: offeretis hanc Americam. singuli singulas nationes pæsentabitis. hic Pacajasios, ille Carajasios; iste Tapajosios; alter Tacaanhapezios; alter Nheengaibas; alter Bocas; alter Jurunas; alter Poquisios; alter Aroaquisios; alter Tabajaras; alii alias nationes, tot ac tam diversas, ut me dies deficeret si omnium solum hic nomina ac linguas vellem apponere. Nos omnes, qui hic vivimus; iam (laus Deo) habemus singuli quod offeramus: et iam nova mihi offertur Missio Guarajusiorum ac Aroaquisiorum, quos omnes, Deo iuvante, sub Mayum ad Christi ovile sum adducturus. Vos RR.PP.<sup>es</sup> fratresque in Christo charissimi, si huius gloriæ participes aliquando esse desideratis, surgite, properate, venite; iam enim vos exspectant innumeræ

nationes Barbaræ, quæ diademata multa sint in capite Christi, et coronæ immortalis gloriæ in vestris capitibus. Agite. agite, in tria motiva a me allata mentis oculos intendentes, socordiam excutite; quid statis in Collegiis tota die otiosi? ite in vineam Domini; venite ad Missionem Maranhonii, summæ divinæ gloriæ: emolumentum, ac gloriæ etiam vestræ uberem campum.

Audire mihi videor quosdam dicentes: ad Missionem quidem (si per Superiores liceat) ibimus: sed erit Missio Orientis: non Occidentis, et Maranhonii. est enim, inquiunt, Missio illa admodum Pauper; Gentis abiectæ agrestis, Barbaræ et ingrata; Est laboribus, molestiis et contumeliis plena; est Coadiutorum et illit[er]atorum; Periculis in mari corporis, et in terra pendendæ castitatis plenissima; Denique omni spe martyrii destituta: quorum contraria omnia cum in Missione Orientalis Indiæ reperiantur ista præ altera nobis est eligenda.

fas esset hic ardentioris zeli stilo scribere, et in detractores, missionem hanc apud alios diffamantes pro merito deba[c]chari: sed cum aliud suadeat Religiosa modestia, Deo omnium Judici homines illos animales, qui non percipiunt ea quæ sunt spiritus, remitto: ut illos sua gratia ita commutet, ut ex malevolis detractoribus, insignes eius præcones efficiat: at ego interea hanc missionem ex iisdem capitibus, quibus fugienda dicitur, suscipiendam probabo,

### [fl. 281v]

omnibus quæ contra eam objiciuntur solutis ac refutatis, et ad eius summam commendationem facere ostensis.

Dicitis primum esse Missionem admodum pauperem; et idcirco minus appetibilem: pauperem esse fateor; sed nego idcirco minus appetendam. Et Ratio est; quia paupertas, uti est munus ac mater Societatis, ita est etiam omnium missionum, et ubi paupertas ut mater diligitur, ibi Missio ingenti animarum sobole fœcundatur. Certe cum in Brasilia et India Orientali essemus pauperiores, eramus in Missionibus ferventiores; nunc dum divites effecti sumus, multi nostrum pro dolor [sic], com[m]oda nostra nimis anxie quærimus, et non nisi omnibus bene provisi pedem ad animarum lucrum efferimus. Initio Soc.tis, cum S.<sup>us</sup> P.<sup>er</sup> N.<sup>ter</sup> iuberet suos ostiatim mendicare, et domi non habere<sup>nt</sup> quod commoda saperet ac lautitiam, omnes domo exire gaudebant, et non erat qui de viatico esset sollicitus: nunc vel domo egredi omnino nolamus, aut si egrediamur iam domos opulentos designamus, ac præterea bursam nummis gravem procuramus. et idcirco iam non sunt Missiones uti antea; quod si paupertate contenti singuli viveremus exemplo Christi et Apostolorum, sane iam totum mundum Christo subiecissemus.

Dicebat Alchimedes, universum terræ orbem se attracturum, se extra mundum omnino firmum pedem figere posset: et ego dico, quod si ne<sup>vel</sup> pede quidem seu extremis affectuum nostrorum digitis mundum eiusque bona tangeremus, totum mundum ad cœlum attraheremus. exemplo sit Christus salvator noster qui de se loquens aiebat: Cum exaltatus fuero a terra omnia traham ad me ipsum. et ita evenit; quia cum adeo pauper e vita discessisset, ut nudus in ligno curcis pende[n]s, ne terram quidem extremis pedum digitis attingeret, universum ad se orbem attraxit. Hinc ait insignis Taulerus, si Creaturis omnibus prodesse cupis, a Creaturis omnibus ad Deum te converte. Nemo itaque dicat se nolle hanc missionem quia est admodum pauper; quia paupertas illa eam facit ad finem missionis (qui est animarum salus) longe aptiorem, quam Missionum Orientalium divitiæ. Audite Apostulum Thimoteo [= Timotheo] suo chrarissimo scribentem. Habentes alimenta, et quibus tegamur his contenti simus. Hic habemus alimenta, farinam scilicet et aquam, et quandoque aut carnem, aut piscem: habemus etiam vestes e gossipio confectas quibus tegamur, et his imitatione magni Apostoli (si viri apostolici esse velimus) contenti esse debemus. Turpe est in viro Missionario, de lautitiis aut cibi, aut potus, aut vestitus, aliorumque commodorum corporis loqui imo cogitare. sed relicto hoc puncto longiori mora indigne pergamus.

Dicitis secundo Missionem Maranhonii esse gentis abiectæ, ingratae ac omnino barbaræ, Orientalem vero esse hominum honoratorum, nobilium, intelligentium, gratorum, et ad modum nostrarum nationum politicarum, et ideo etiam præponendam Missioni Maranhonii. Miror sane homines Societatis, tam crasse in bene iudicando aberrare cum Christus Missionum omnium coriphœus ac Princeps aperte contrarium nos suo exemplo multoties docuerit. Exemplum unum e multi[s] quæ adducere possent, ad confirmandam meam sententiam sufficiat. Legimus in Evangelio a Regulo invitatum Christum, ut domum suam dignaretur accedere; et coram, filio graviter decumbenti mederi: veruntamen non accessisse Dominum ad rogantis aedes; sed vi sua divina absentem curasse. Legimus item accessisse ad Christum Centuriorem rogasseque ut male habenti servo succurreret; Christum vero, frustra reluctantem

### [fl. 282r]

centurione, suamque allegante indignitatem, noluisse curare absentem, sed præsentem: et huius rei gratia ad Centurionis aedes, ad servum curandum processisse. Quæro cur Christus domum Centurionis adiit sanaturus servum, hominem ob servilia officia vilem et abiectum, et noluit adire domum Reguli viri nobilis ac divitis, ad filium eius paris nobilitatis ac opum sanan-

dum? sane si ad unum e duobus descendere statuerat, videbatur potius descendere debuisse ad nobilem ac divitem, quam pauperem vilem et abiectum servum. ita nos iudicamus, et ita prô dolor [sic] nostro tempore agimus. ad opulentes et nobiles properamus, pauperes et despectos vix a longe iuvare volamus: cum contrarium facere deberemus. sed malo hac in re stemus sententiæ S.<sup>ti</sup> Gregorii. Quod nobis hac in re exemplum dedit, ait. nisi quod superbia nostra retunditur, qui in hominibus non naturam quæ ad imaginem Dei facta est; sed honorem et divitias veneramur; Redemptor vero noster ut ostenderet, quia quæ alta sunt hominum despicienda sunt et quæ despecta sunt hominum despicienda non sunt, ad filium Reguli ire noluit, ad servum centurionis ire paratus fuit. Increpata est ergo superbia nostra, quæ nescit pensare homines propter homines, et sola quæ circumstant hominibus pensat, naturam non aspicit, honorem Dei in hominibus non agnoscit. quid ad hoc RR.PP.<sup>es</sup> fratresque in X.<sup>o</sup> charissimi dicitis? ad huc Missionem Orientalem huic præponendam dicitis quod in illa sunt homines opulenti, nobiles, sapientes et culti? Christus descendit ad servum, et non vult descendere ad nobilem: vos vero vultis descendere ad nobiles et politos, et non vultis venire ad homines hos abiectos, viles, atque omnium servos? quod vultis agite: ego Christi exemplum sequendum duco. Cavete ne dum humana attenditis mercede laborum privemini, [rasura] hic inter humiles illos et ingratos, et stupidos, et barbaros servos, merces manet securo; quia non est quod intentionis oculum a simplicissimo in Christum intuitu divertat, atque ideo etiam hanc ob causam, non solum hæc missio non est alteri postponenda, sed tanquam firmioris et securioris virtutis [rasura] schola ominio anteponenda.

At Missio Maranhonii est admodum laboriosa, plena miseriis; persecutionibus et molestiis insupportabilibus. In Missione orientali molestias quidem sunt et persecutiones: sed non eiusmodi; atque ideo missioni Maranhonii præponenda. est hic error pejor priore. ego sic dicendum et argumentandum existimo. missio Maranhonensis multis afflicta est miseriis et persecutionibus, quæ in dies ferendæ sunt. ergo est vera missio: ergo eius missionarii, sunt veri missionarii, et viri apostolici ad prædicandum verbum Dei idonei. Bene patientes erunt, ait Psalmista, ut annuntient, et S.<sup>tus</sup> Paulus 2 Corinthiorum signa apostolatus mei facta sunt super vos in omni patientia. et rursus exhibeamus nosmetipsos sunt Dei ministros in multa

[fl. 282v]

patientia, in tribulationibus, in necessitatibus, in angustiis, in plagis, in [rasura] carceribus. et rursum, Corint. 1º usque in hanc horam, et esurimus, et sitimus, et nudi sumus, et colaphis cædimur et instabiles sumus, et laboramus operant<sup>es</sup> manibus nostris, maledicimur et benedicimus, persecutionem patimur et sustinemus, blasphemamur et obsecramus, tanquam purgamenta, huius mundi facti sumus omnium peripsema usque adhuc. Hactenus ab Apostolo dicta, omnia in Missione Maranhonii compleri fateor; sed non idcirco est postponenda: sed potius, præponenda Orientali; quia spem dat fœcundioris messis: nisi enim (inquit X.<sup>s</sup>) granum frumenti cadens in terram mortuum fuerit ipsum solum manet, si autem mortuum fuerit, multum fructum affert. et cum hic quotidie cum Apostolo propter animarum salutem lentâ morte moriamur, multum nobis fructum promittere possumus, et hanc ob causam missionem nostram Orientali præponere omnino debemus.

Sed transeamus ad quartam obiectionem. est inquiunt Missio periculosa ob quotidiana et gravissima pericula corporis, et animi; Corporis quidem: in mari et rapidissimis fluminibus, quæ in cimbâ exiguâ millies transmeare et trajicere necesse est; cum nulla sint itinera terrestria. Animi vero; quia gens illa omnino nuda incedit, estque vitiis carnis addictissima et semper ad illicita complenda intenta ac parata: quodque pejus est, sine pudore et verecundia, diu noctuque incautos sollicitat; nunc verbo; nunc gestu; nunc oculorum nictibus, atque intuitu; nunc etiam accessu, atque adeo tactio et [rasura] amplexu; si quâ via ad dormientes, aut decumbentes pateat. Ita est: sed noli timere, ait Dominus Isaïæ 43º. Cum transieris per aquas tecum ero, et flumina non operient te: cum ambulaveris in igne non consumeris, flamma non ardebit in te. Hactenus in Missione nemo in aquas suffocatus est. crebra omnes passi sumus et patimur pericula evidentissima, et inevitabilia: sed, ut dico, nemo adhuc periit. paucis ab hinc diebus P. Joannes Maria Gorsoni Italus per fluvium Amazonum, latum ac rapidum, duas horas nocte concubia natavit, tabulæ innixus; sed Deo iuvante ab Indo qui in eodem cum illo erat periculo, quemque morti proximum confiteri iussit, ereptus est. idem periculum, quanquam aliquanto minus subiit Pater Emmanuel Pirez eius socius; verum etiam evasit. Nec ignis concupiscentiæ urit nisi incautos ac nimirum sibi confisos. Simus viri quales esse debemus hac in parte Angelicæ virtutis amantes, et securi erimus; tentari quidem potuerimus; cum homines simus: sed tentari nos non sinet Deus, ultra quam possimus sustinere. Dico ingenue quod sentio. arbitror in hac missione virtutem [rasura] castitatis longe quam in aliis terris esse majorem: nam cum quotidiana eius sint prælia et victo-

riæ, fieri/non postest quin virtus adeo probata, ac firma, multum incrementi cupiat, magisque Deo placeat in Missionariis nostris quam in Europeis, quibus vix ulla est occasio gravis discriminis.

[fl. 283r]

quod si quis infirmitatis suæ conscius, nimium timeat, maneat in Europa; aut petat missiones Orientales, ubi gens honestior, non adeo gravia bella castitati movet. In his terris non nisi virtutes omni ære ac chalybe firmiores solidioresque probantur ac perseverant. atque etiam ex hac parte Missio hæc alteri præstat; quia quod perfectius est, dispositiones regunt perfectiores. Veniamus nunc tandem ad quintam obiectionem. Dictis Missionem hanc minus desiderabilem; quia martyrio, imo spe martyrii caret, cum Missio Orientalis, multos iam martyres gloriosos produxerit, et omnibus aliis martyrii spem concedat. Videtur hæc obiectio prima fronte aliquid difficultatis offerre: sed re bene perpensâ, omnino frivola est et falsa; atque adeo falsa, ut manifeste mihi probandi locum concedat, esse hanc Missionem præ omnibus maxime appetibilem quia excellentiora sunt eius martyria. Ut taceam viros apostolicos qui hic in Dei obsequio inter barbarorum fustes occubuerunt, quos martyres apud Deum esse pie dicere possumus. audeo affirmare, multa hic esse martyria, aliis excellentiora. ac primum id probo autoritate S.<sup>ti</sup> Bernardi in materia castitatis ac Virginitatis. Ait mellifluus ille doctor esse, continuam mortificationem, in materia castitatis præsertim, martyrium, rigore quidem mitius, sed diurnitate difficilior: unde infero: ergo sunt in hac missione multa martyria; quia sunt multa, gravia, et diuturna castitatis aliarumque virtutum proelia, rigore quidem mitiora sed difficultate ac diurnitate difficiliora. Verum relicto hoc argumento veniamus ad aliud. quid vobis videtur? nunquid qui propter Deum martyrii spe, atque adeo etiam spei martyrio renuntiat, desinet esse martyr coram Deo, si id faciat ut se saluti animarum impendat? ego existimo fore martyrem, et potiturum martyrii corona, imo corona excellentiore. et Probo. Joannis 15<sup>o</sup> sic ait X.<sup>s</sup> Dominus noster. Majorem hac dilectionem nemo habet quam ut animam suam ponat pro amicis suis, et tamen docet S. Thomas quod spectando martyrium in se non est æquivalens charitati quæ ex[h]ibetur proximo procurando eius salutem: quia ait, melius est aliis prodesse quam sibi. qui martyrium subit prodest sibi, qui animarum saluti intendit prodest aliis, ergo cum melius sit prodesse aliis quam sibi, et per martyrium sibi, per zelum animarum aliis quis prosit, maior erit charitas, et quid majus martyrio aliis prodesse, quam esse precise [= præcise] martyrem et prodesse

sibi soli. Confirmat hoc dictum apertis verbis S.<sup>tus</sup> Chrysostomus: dum sit ait. Ponatur quempiam ieiunare et martyrium comprobare et Cremari, <sup>alium</sup> vero ad ædificationem pro X.<sup>i</sup> vi

[fl. 283v]

martyrium differe non modo, sed etiam absque martyrio discedere, uter igitur post hanc peregrinationem major erit? Non est cur nos hic detineamus ait Sanctus, quia sententia est Apostoli Pauli dicentis. Desiderium habens dissolvi et esse cum Christo: melius autem mihi in carne adhuc permanere propter vos. Hinc manifeste patet majus esse martyrium, aut ut aptius loquar, majus opus esse martyrio, renuntiare ad vacandum saluti animarum, quam reipsa mori salute animarum postposita. majores etiam fore eos qui ita martyrio renuntiaverint ut saluti animarum incumbant, sicuti faciunt missionarii Maranhonis, non vero Orientis, quia illi plerumque sola spe martyrii ducti eo pervolant quasi vero, martyrium, et excellentius non sit, relicto pro Deo martyrio saluti animarum eius amore sese Totum dedere.

Superest nunc ut de ultima obiectione pauca dicamus. Dicunt quidam hanc Missionem esse Coadiutorum, non habere viros doctos. Illud temere dicitur, nam in ea omnes sunt Professi, et viri plerique qui publice Theologiam aut defenderunt in nominatissimis totius Europæ universitatibus, aut eam defendissent si sese obtulisset occasio. Nec hic sunt Coadiutores fere nisi Temporales nisi quis Coadiutores inepte dicat eos qui studia necdum absolverunt, sed suo tempore sunt absoluturi. Sufficeret scire R.<sup>dum</sup> P.<sup>em</sup> Vieiram esse hujus Missionis ad occludenda ora loquacissimorum hominum: sed missa faciamus ista aperte falsa – et dato non cencesso quod ita se res haberet: sane magnifieri deberet hæc missio in qua quidam studiis et Cathedris renuntiarunt ut animarum saluti sese darent. Sciunt enim verissimum esse quod ait S. Chrisostomus, quod quamvis summam complectaris Philosophiam, proximi autem iacturam contempseris, nullam apud Deum habere fiduciam poteris. Hoc nostræ salutis argumentum erit, si non solum pro nobis ipsis solliciti; sed et proximo utiles fuerimus, ipsum ad viam veritatis manucentes. et si non sufficiat illa responsio: veniant huc et probent suam aliorumque doctrinam, hic enim sunt admodum necessarii viri non minus docti quam virtuosi, quia ad omnia sint idonei. et ut modestius loquamur audiamus quid dicat Apostolus. Videte (ait), vocationem vestram fratres, quia non multi sapientes secundum carnem, non multi potentes, non multi nobiles, sed ea quæ stulta sunt mundi elegit Deus, et ea quæ non sunt. Ratio est ait insignis Doctor Taulerus; quia ubicumque Deus proprie et



divine operatur, nullo ad huc opus habet nisi nihilo; nihilum enim operationis eius, quam quodlibet aliud capacius est. sed quid multis probo, quod Christus apertis verbis docuit dicens, Confiteor tibi Pater quia abscondisti hæc a sapientibus et prudentibus et revelasti ea parvulis: ita Pater quoniam ita placitum est ante te. Idcirco missionem suam aggressus humiliavit, exinanivit semetipsum. et ut ait S. Augustinus de Apostolo gentium Paulo. P[ro]stravit Christus una voce Paulum, et erexit Paulum, hoc est: prostravit superbum et erexit humilem

### [fl. 283Ar]

prostratus est persecutor; erectus est prædicator. Caveant itaque superbi de Missionariis huius missionis in animarum damnum male loqui, si huc venire detrectant multo minus nos tales desideramus. Petimus viros doctos: sed humiles: non Saulos sed Paulos. Deus enim, ut ait Ecclesiastes, ab humilibus, honoratur. Hinc Godifredus de S.<sup>to</sup> Bernardo affirmabat, quod quo humilior eo semper utilior fuerit populo Dei in omni doctrina salutari.

Quamobrem RR.<sup>di</sup> PP.<sup>es</sup> fratresque in X.<sup>o</sup> charissimi, cum studium salutis animarum Deo gratissimum, nobis vero utilissimum iuxta ac gloriosissimum probavim: ac prætera solutis contra hanc Missionem inanibus argumentos ostenderit, ex iisdem capitibus esse magis appetendam, ex quibus quidam, non sano spiritu ducti, eam impugnare student, magno animarum damno Missionarios ab ea avertentes. Excitate in vobis spiritum Societatis Matris vestræ, vosque genuinos eius filios a S.<sup>to</sup> P.<sup>re</sup> N.<sup>o</sup> genitos monstrate. Scitate, inquit S. Chrisostomus, quoniam mercenarii sumus conducti; si ergo mercenarii sumus, cognoscere debemus, quæ sunt opera nostra, opera autem nostra sunt opera iustitiæ; non ut agros nostros colamus; non ut divitias congregemus et acquiramus honores: sed ut proximis prosimus. sicut ergo nemo conducit mercenarium, ut hoc solum faciat quod manducet; sic et nos ideo vocati non sumus, ut hæc sola operemur quæ ad nostrum pertinent usum, sed ad gloriam Dei; et sicut mercenarius qui hoc solum facit quod manducat sine causâ ambulat in domo, sic nos si sola hoc facimus, quæ ad nostram pertinent utilitatem sine causa vivimus super terram. dico ego in Societate nostra quæ pro scopo habet Dei gloriam in procuranda perfectione propriâ et impensè salute aliena. quod nisi facimus frustra et sine causa ambulamus in Collegiis et Societate, cum enim in foro mundi staremus otiosi conduxit nos Christus, et in vineam suam operaturos atque eius exemplo, saltui animarum vacaturos misit. Recogitate RR.PP.<sup>es</sup> fratresque in Christo charissimi hic impleri illud quod adeo deflebat Jeremias, dum ait Tren. 4<sup>o</sup> parvuli pe-

tierunt panem et non erat qui frangeret eis. Recogitate quod hanc ob causam olim S.<sup>tus</sup> Xaverius Indiarum apostolus summo desiderio inflammatum se senserit, trajiciendi in Europam, atque percurrendi omnes Academias alta voce clamando. Heu quam ingens animarum numerus vestro vitio exulans cœlo, deturbatur ad inferos! Idem ego nunc facere summis animi votis cupio desideroque; sed cum sine animarum damno exequi optata non possum hanc ad omnes epistolam perscribo idem iterum iterumque ingeminans; heu quam ingens animarum numerus per vastas has Americæ solitudines, vestro vitio, vestra desidia, exulans cœlo deturbatur ad inferos! Venite, cito properate, e tantum malum ab animabus, magno pretiosi X.<sup>i</sup> sanguinis pretio redemptis vestra operâ avertite.

### [fl. 283Av]

Nolite esse de viatico solliciti; quia apostolis viaticum a Christo est prohibitum, maxime quando vovistis ire ad missiones sine viatico si mittamini a Summo Pontifice: et quando tempore tranquillæ pacis potestis de Collegio in Collegium, de urbe in urbem, ac domo in domum pergere edentes quæ apponuntur vobis. Cum Ulyssiponem attigeritis abunde vobis omnibus providebitur de paupertate nostrâ. Verum moneo ut ibidem non vos sinatis a proposito dimoveri, et ad Missionem orientalem deduci; quia in hanc maxime hoc tempore in ipsis scripturis vos Dominus vocare videtur. audite et perpendite illud Jeremiæ 19<sup>o</sup> Ite Angeli veloces ad gentem convulsam, et dilaceratam, ad populum terribilem post quem non est alius, ad gentem expectantem et conculcatam cuius diripuerunt flumina terram eius. ad ægyptios dictum, de gente hac dictum omnino videtur. sed audite et considerate vobiscum et aliam eiusdem prophetæ prædicationem a domino factam. Ecce ait, ibi ego mittam multos venatores, et venabuntur eos de omni monte, et de omni colle, et de Cavernis. Sane sunt Barbari huius Americæ feræ agrestes, et ferarum instar per sylvarum latebras ferinis moribus vagantur. Nos Venatores sumus. Venite et vos ad Venationem. Nos interea auxilium vestrum præstolantes, nos totos impendemus et superimpendemus toti missioni, et in arcu ac sagitta charitatis, euntes per sylvarum latebras, feras illas Christi oves futuras in ovile intrare compellemus, ut de iis pulmentum præparemus Divino Isaac quo ille vesci gaudeat. Hic finem facio scribendi, Deum O.<sup>m</sup>M.<sup>m</sup> [= Optimum et Maximum] rogans obtestansque, ut vestros omnium animos commoveat, et salvos atque incolumes omnes conservet, venientibus etiam Angelum suum Raphaelem deputet, qui eos dirigat et custodiat, et deducat per vias rectas usque dum optatum peregrinationis suæ scopum attingerit.

Valete. Jesus et Maria sint vobiscum in viâ. Salutant vos omnes Missionarii, seque SS.<sup>is</sup> [= Sanctissimis] RR.<sup>dorum</sup> Patrum sacrificiis, et piis fratrum charissimorum precibus commendant. Bethlem magni Para 5 feb. 1671

Reverentiarum vestrarum, charissimorumque fratrum

Humillimus in X.<sup>o</sup> servus

Joannes Philippus Bettendorff ihs

Date veniam obsecro, tenuitati stili, scribendi confusioni et mendis: nam occupationum multitudo, navigii ex hoc portu solvere properantis brevis mora; Propinquitas Missionis longinquæ ac diuturnæ ad quam post 10 dies suscipiendam me præparo, non dederunt locum nec tempus componendi ac scribendi. Non præmeditatus sum hanc epistolam, sed uno dumtaxat die eoque variis interrupto, et non solido composui, et male properante calamo descripsi. Non hoc eo dico ut putetis me elegantius fuisse scripturum: sed ne me damnetis inurbanitatis quod litteras, tam confusas et incorrectas scribam ad eos quos plurimum venerari debeo. nam ad alia quod attinet, non sector subtilia humanæ sapientiæ verba, sed spiritum ac virtutem Dei. Valete.

## Tradução

### Notas preliminares referentes à tradução e ao aparato crítico

1. A tradução foi feita com atenção às particularidades da língua latina, sem, no entanto, pretender ser estritamente literal. Sobretudo, as frequentes orações concatenadas foram geralmente reproduzidas em forma de múltiplas frases para facilitar a compreensão do conteúdo. Além disso, buscou-se, na medida do possível, levar em consideração a linguagem usual na época da redação, evitando termos de uso recente.

2. As notas relativas aos dados biográficos dos personagens eclesiásticos, mencionados no texto, baseiam-se nos respectivos verbetes em: BAUTZ, Friedrich Wilhelm; BAUTZ, Traugott (ed.). *Biographisch-Bibliographisches Kirchenlexikon*, Nordhausen: Verlag Traugott Bautz, 2011. Disponível em <<http://www.bautz.de/bbkl/>>. Acesso em dezembro de 2011. No que se refere aos jesuítas contemporâneos, ver listas prosopográficas em: ARENZ, Karl Heinz. *De l'Alzette à l'Amazonie: Jean-Philippe Bettendorff et les jésuites en Amazonie portugaise (1661-1693)*. Sarrebruck: Éditions Universitaires Européennes, 2010, p. 586-588 e 600-608.

3. No que se refere às citações das obras de teólogos das épocas patrística e escolástica, ver respectivos autores em: *Documenta Catholica Omnia*. Disponível em <<http://www.documentacatholicaomnia.eu>>. Acesso em novembro de 2011. No caso das obras de Tomás de Aquino, ver também: *Monumenta*. Disponível em <<http://monumenta.ch/latein/>>. Acesso em novembro de 2011. Os sites indicados contêm os textos originais em latim ou grego.

4. Referente às citações das passagens bíblicas, ao invés de usar as abreviaturas usuais, preferiu-se reproduzir o nome completo do respectivo livro ou carta conforme consta no cânon bíblico. A tradução dos trechos foi feita a partir do original, mas conferida mediante consulta em: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

5. Com respeito aos povos indígenas e localidades coloniais mencionados na carta, ver verbetes respectivos em: PORRO, Antônio. *Dicionário etno-histórico da Amazônia colonial*. São Paulo: Instituto dos Estudos Brasileiros/USP, 2007.

[fl. 279r]

Maranhão – Brasil – 1671 – XXXIX

IHS<sup>50</sup>

Reverendos Padres e caríssimos irmãos em Cristo,

A paz de Cristo,

Fazem agora onze anos que saí da Província Galo-Belga (da qual sempre me gloriarei ser filho, embora indigno). Eu gastei um ano, em parte no caminho, em parte em Lisboa; todos os demais eu passei na Missão do Maranhão (a mais gloriosa de todas quantas existem na terra). Eu cheguei a ela no início do ano de 1661 e a encontrei florescendo sob a condução do Reverendo Padre Antônio Vieira, um homem apostólico, e também muito estimado em tudo pelo Senhor e perfeito em todas as virtudes de seu cargo, sobretudo na paciência. Por ele fui encarregado da nova missão no rio Amazonas (à qual eu dei o nome da Imaculada Conceição, com o consentimento dele). Eu fui então missionário durante um período de seis ou sete meses, não mais. Todos nós cultivávamos com muito zelo e alegria da alma esta vinha do Senhor, com uma tão copiosa colheita, quando o inimigo perigosíssimo do gênero humano excitou os ânimos do povo contra nós com argumentos – como de costume – falsos, persuadindo-o a, após nos ter expulsado do Estado, dominar os índios a seu bel-prazer e a pô-los, um a um, à frente de cada uma das aldeias (que eles chamavam “de administração”).<sup>51</sup> A coisa desenvolveu-se no sentido de que nós fôssemos todos presos: detentos ora em certos prédios das cidades, ora nos próprios navios (nos quais eles pensavam nos enviar para Portugal). Os padres que se encontravam em São Luís do Maranhão zarparam, junto com o Padre Antônio Vieira, por ordem do povo em fúria, e foram encaminhados para Portugal. Os, porém, que continuávamos em Belém, fomos forçados a regressar, do limiar mesmo do

<sup>50</sup> Trata-se do monograma oficial da Companhia de Jesus que retoma as três letras iniciais do nome de Jesus em uma versão adaptada das letras gregas IHΣ que correspondem aos caracteres romanos JES. O monograma abre todas as missivas internas da Companhia de Jesus, além de ser acrescentado, já no final, ao nome do remetente.

<sup>51</sup> Uma lei régia sancionou, em setembro de 1663, o fim do monopólio jesuíta referente à dupla administração dos aldeamentos. Os inacianos – e outros religiosos – ficaram somente com a administração espiritual, enquanto a temporal foi confiada aos “principaes que houverem em cada Aldea”. Ver Provisão em forma de Ley sobre a Liberdade dos Índios do Maranhão e forma em que devem ser admenistrados no espiritual pellos Religiosos da Companhia e os das mais Religiões de aquelle Estado. Lisboa, 12/09/1663. ABN, vol. 66, 1948, p. 30.

alto-mar, quando o navio fez uma quantidade imensa e inesgotável de água. Entretanto aconteceu que apareceu uma carta da parte do Governador Rui Vaz de Siqueira,<sup>52</sup> pela qual recebemos a ordem de ficar e reassumir as missões, ainda que não da maneira como antes. De fato, os moradores pensavam (como eu soube com certeza) que todos já tivessem saído, mas – assim Deus o queria – nós fomos encontrados e reintegrados à Missão e às nossas casas. Um crime tão insolente não podia ficar impune! Por isso, logo num primeiro momento, sobreveio a vingança de Deus e fez sofrer a morte, de diversas (porém deploráveis) maneiras, a um grande número de seus autores. Ele enviou uma epidemia desastrosa de varíola às cidades e, de forma igual, às aldeias.<sup>53</sup> Esta causou um tão grande extermínio de pessoas que malmente pode ser acreditado. E, deste modo, aqueles que pretendiam apoderar-se das aldeias através de nossa expulsão, perderam as aldeias e, ao mesmo tempo, os seus próprios escravos domésticos. Não faltou, então, naquela época, a oportunidade de fazer caridade – a mim em Belém e aos outros em São Luís do Maranhão, para onde eles se haviam dirigido sem demora. Nós, poucos de muitos, executávamos os trabalhos necessários, enquanto certos padres, mas não todos, voltaram do Reino. Pois alguns se dirigiram para outro lugar; já outros cuidaram dos estudos teológicos que eles ainda não haviam terminado. Agora somos de um número de vinte e cinco, a saber, quinze padres e dez coadjutores temporais.<sup>54</sup> Alguns são sexagenários e mais idosos do que os sexagenários, outros de saúde debilitada; também há outros que estão impedidos por outras razões. Mesmo assim, todos nós, trabalhando arduamente, cuidamos de toda a Missão que se expande para todos os lados; e, além disso,

<sup>52</sup> Rui Vaz de Siqueira, governador do Estado do Maranhão e Grão-Pará de março de 1662 a junho de 1667.

<sup>53</sup> A varíola afligiu o Estado do Maranhão e Grão-Pará nos anos de 1662 e 1663. A expulsão dos jesuítas e a subsequente perda da administração temporal sobre os índios contribuíram para que ela fosse interpretada como punição divina. Ver BETTENDORFF, João Felipe. *Crônica dos padres da Companhia no Estado do Maranhão*. Belém: Fundação Cultural Tancredo Neves/Secult, 1990, p. 213–216.

<sup>54</sup> Os números são idênticos àqueles do *Catalogus Missionis Maranhoniæ*. 1671. Arsi, cód. Bras 27, fl. 2r.

### [fl. 279v]

eles foram destinados a outras missões (que, tendo a finalidade de atrair infiéis ou resgatar escravos para suas necessidades, os portugueses chamam de *tropas*);<sup>55</sup> sendo que deixo, mais uma vez, passar em silêncio muitas outras obras de piedade, nas quais é necessário atentar para o bem comum do povo. Durante um período de oito anos, esperávamos algum subsídio, tanto dos padres que estavam trabalhando como também dos que tinham voltado.<sup>56</sup> Mas, depois de muita expectativa, nós fomos, até o dia presente, iludidos em nossa espera. Nem por isso desistimos neste assunto de nossas esperanças, mas esperamos com mais confiança do que nunca o auxílio necessário do Senhor da Messe.<sup>57</sup> O Reverendo Padre Manuel Juzarte, um homem em todos os sentidos muito extraordinário, delegado, em nome de Nosso Muito Reverendo Padre, pelo Reverendo Padre Comissário Antão Gonçalves para fazer a visitação desta Missão,<sup>58</sup> veio para cá faz agora quase três anos. Ele foi informado de todos os assuntos, na medida em que a brevidade do tempo o permitisse. Depois de ter tratado destas coisas, ele partiu de volta para o Reino, no intuito de buscar uma solução para estes assuntos extremamente preocupantes. Mas já é o terceiro ano desde que ele saiu, deixando-nos para trás muito esperançosos. E, todavia, nos demos conta de que até agora absolutamente nada foi feito no nosso caso. Porém, temos confiança que muito se consiga com o novo governador<sup>59</sup> (se é possível crer nas promessas). Eu – a quem (ainda que indigno e pouco idôneo) foi confiada a administração desta Missão – decidi, com base no meu cargo, tornar pública, com toda a eloquência, a situação periclitante da Missão por causa do número reduzido de operários, por meio de cartas minhas enviadas para todo mundo, isto é, àqueles que queiram socorrê-la. Por essa razão, mandei uma ao Sumo Pastor do redil de Cristo, em duas vias; uma ao Nosso Sere-

<sup>55</sup> Trata-se de descimentos e resgates que, por lei, tinham que ser acompanhados por um sacerdote acreditado.

<sup>56</sup> A maioria dos inacianos, expulsos em 1661, conseguiu voltar nos anos seguintes.

<sup>57</sup> Trata-se de um título bíblico-teológico para designar Deus (ver Mateus 9,37-38).

<sup>58</sup> Manuel Juzarte (1627-1671) foi visitador da Missão do Maranhão em 1667 e 1668, enviado pelo também visitador e comissário do Santo Ofício no Brasil Antão Gonçalves. O superior geral da época era o italiano João Paulo Oliva (1600-1681). Ele administrou a Companhia de Jesus de 1661 até a sua morte em 1681.

<sup>59</sup> Trata-se de Pedro Cesar de Meneses, governador do Grão-Pará e Maranhão de abril de 1671 a fevereiro de 1678. No momento da redação da carta, seu nome ainda não era conhecido.

níssimo Príncipe de Portugal, enviada também em duas vias; três à Rainha, escritas em francês; muitas ao Nosso Muito Reverendo Pai, em várias vias;<sup>40</sup> muitas aos confessores dos Nossos Sereníssimos Príncipes<sup>41</sup> e a outras pessoas que, neste assunto, nos podem ser úteis em razão de seu cargo. Julguei valer a pena que a presente carta fosse escrita precisamente agora a todos os Reverendos Padres e caríssimos irmãos em Cristo que vivem na Europa, para que se realize nesta região aquilo que diz o Profeta: "Por toda parte se espalhou a sua voz e as suas palavras até os confins da terra".<sup>42</sup> Não nego que não sou eu aquele a quem compita esta tarefa tão maçante, mas o amor de Deus me impele. O cargo de superior incita e o seguinte ditado de São Gregório estimula: "Que ninguém diga: 'Não tenho coragem para chamar atenção; não cabe a mim exortar.' Faze o quanto puderes! Arrastai outros convosco! Desejai ter companheiros no caminho do Senhor! Se estenderdes a mão a Deus, dirigi-vos, sim, unicamente a ele de verdade, pois assim está escrito: 'Quem ouve, diga: Vem!'<sup>43</sup>".<sup>44</sup> Por isso, não quero esconder a minha falta de coragem e meu descuido sob a forma falsa e fingida de espírito desprendido ou de humildade, mas exercer o meu cargo, conforme as minhas forças e (não sendo possível estar presente e falar à viva voz por causa dos imensos espaços interpostos de mares), ao menos, por meio de cartas que clamam em silêncio, e dizer a todos e a cada um da nossa Companhia que moram na Europa: "Vem! Vem! Vem à Missão do Maranhão, onde os campos carregados estão ficando maduros para uma colheita abundante. Mas, por causa da falta de trabalhadores, estão sendo vilmente devastados pelo inimigo comum dos mortais. Vem, pois; na verdade, nada pode ser ou mais agradável a Deus ou mais útil e glorioso para ti!" Ouçamos um rio de inteligência e de fecunda eloquência, ouçamos São Crisóstomo que profere palavras de ouro por uma boca de ouro<sup>45</sup> em favor da aprovação da minha

<sup>40</sup> Trata-se, sucessivamente, do papa Clemente X, do rei d. Pedro II (então príncipe regente), de sua primeira esposa, a rainha Maria Francisca Isabel de Saboia, e do superior geral João Paulo Oliva.

<sup>41</sup> Trata-se de monarcas católicos da Europa que, muitas vezes, tiveram confessores e conselheiros jesuítas.

<sup>42</sup> Ver Salmo 18,5.

<sup>43</sup> Ver Apocalipse 22,17.

<sup>44</sup> Ver Gregório Magno. *Homiliae in Evangelia* I, 6. O autor (aproximadamente 540-604) foi papa e é considerado como um dos quatro patriarcas latinos, isto é, principais teólogos de língua latina dos primeiros séculos da Igreja, ao lado de santo Ambrósio, santo Agostinho e são Jerônimo.

<sup>45</sup> São João Crisóstomo (349-407), bispo de Constantinopla, foi um dos teólogos e liturgistas mais importantes da Igreja Oriental. Seu cognome *Crisóstomo* significa "boca de ouro". Ele é considerado um dos quatro patriarcas gregos, ao lado de santo Atanásio, são Basílio e são Gregório Nazianzeno.



asserção: "Se alguém quiser ser reconhecido por Deus, que tome conta das ovelhas dele, procure uma tarefa de utilidade pública, esteja atento à salvação de seus irmãos, pois nenhuma tarefa é mais agradável a Deus do que esta".<sup>46</sup> O que pode ser oferecido de mais evidente para a nossa causa, o que de mais apropriado? Mas, vamos!, porque esta obra é tão aceita e agradável a Deus frente às demais! Acaso não é porque, como diz o próprio doutíssimo e, ao mesmo tempo, santíssimo doutor da Igreja: "Não há nada que

### [fl. 280r]

possa ser comparado à alma, nem sequer o mundo inteiro?"<sup>47</sup> O argumento é bom, mas ele acrescenta ainda outros. Porque é esta, diz ele, a regra da perfeita caridade, esta a finalidade certíssima, este o cume supremo de todas as coisas: buscar todo aquilo que abrange o bem espiritual – comum a todos – e ganhar outros com a nossa salvação. Há os que se persuadem a si mesmos que estão realizando algo agradabilíssimo a Deus quando, nos colégios da Europa, no íntimo de seu quarto, dirigem em abundância orações fervorosas ao céu ou quando enfraquecem o corpo com jejuns e outros tormentos corporais; e, no entanto, eles não trabalham pela salvação das almas. Mas se enganam e se afastam da verdade por acharem de alcançar plenamente o céu. Que ouçam aqueles ociosos (embora virtuosos) contemplativos! No 5º capítulo dos Cânticos lemos que a alma, noiva de Cristo, arrebatada pelo sono da oração, não obstante ficara desperta no coração, segundo esta frase: "Eu durmo, meu coração vela",<sup>48</sup> o que Santo Agostinho explica assim: "Estou livre e vejo que tu és o Senhor; pois escrevo palavras de sabedoria em tempo livre; eu descanso de afazeres trabalhosos, e minha alma espera por inspirações divinas".<sup>49</sup> Até aqui Santo Agostinho. Mas eu pergunto: se acaso existissem o noivo, a noiva tão esplêndida, encantada pela contemplação, porventura, ele permitir-lhe-ia de pegar no sono, como se fosse a coisa mais agradável de todas para ela? Certamente, de modo algum: ao contrário, batendo imediatamente na porta, ele interromperia o sono e forçá-la-ia a dis-

<sup>46</sup> Ver João Crisóstomo. *Oratio de Beato Philogonio* II, 85. Este trecho é lido no ofício divino ou breviário (oração litúrgica obrigatória) na festa de santo Inácio de Loyola, celebrada no dia 31 de julho.

<sup>47</sup> Ver João Crisóstomo. *Homiliae in Epistolam Primam ad Corinthios* III, 9.

<sup>48</sup> Ver Cântico dos Cânticos 5,2.

<sup>49</sup> Ver Agostinho de Hipona. *In Epistolam Ioannis ad Parthos* LVII, 3. O autor (354–430) foi bispo de Hipona na África do Norte. Formado em filosofia e retórica, ele se tornou, após sua conversão ao cristianismo, um dos mais importantes teólogos da Igreja ocidental.

sipá-lo,<sup>50</sup> dizendo (o próprio Santo Doutor o fala): "Abre-me, minha irmã!", como se dissesse: "Tu tens tempo livre e a entrada foi fechada na minha frente; tu apoias o ócio de poucos e a caridade de muitos esfria por causa de tamanha indiferença. – Abre-me por causa do meu sangue derramado, minha irmã! – Minha perfeita, abre-me, anuncia-me!".<sup>51</sup> Vós ouvis que o noivo prefere o anúncio até mesmo à mais elevada contemplação de si?<sup>52</sup> Por essa razão, a salvação das almas lhe é algo bem mais agradável do que a contemplação e, ainda mais, as mortificações do corpo, mesmo quando grandes. Que São Crisóstomo seja de novo a minha testemunha. "Tu poderás, diz ele, mortificar o corpo, jejuando, dormindo no chão, mas não alcançarás correção nenhuma do próximo. Não fizeste nada de extraordinário, mas te afastaste para longe da imitação de Cristo. ... Pois ele próprio, embora seja Deus, por nenhuma outra razão vestiu nossa carne, ... senão para libertar da maldição os submetidos ao pecado."<sup>53</sup> E em outro lugar lê-se: "Quanto ele sofreu por este rebanho! Ele assumiu o aspecto de um escravo; cuspiram nele; deram-lhe bofetadas; finalmente, ele não recusou a morte, e ainda uma morte extremamente degradante".<sup>54</sup> A partir de todas essas coisas é fácil para qualquer um concluir que nada é mais agradável e caro a Deus do que o zelo pela salvação das almas. Porque então, neste exército tão divino,<sup>55</sup> os membros não anunciam, por si mesmos, os supremos decretos do mais perfeito amor? E para que, além disso, não surja dúvida alguma acerca desta verdade, eu quero que todos reflitam atentamente como Cristo verificou, várias vezes em seguida, o amor de Pedro. Nosso Senhor interrogou seu apóstolo Pedro com as seguintes palavras, relatadas no vigésimo segundo capítulo de João:<sup>56</sup> "Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?" Pedro

<sup>50</sup> Mesmo sendo os verbos desta frase e da anterior, no texto original, em pretérito perfeito, preferiu-se traduzi-los no futuro do pretérito, por causa da lógica imposta pela pergunta que antecede as referidas frases.

<sup>51</sup> Ver Agostinho de Hipona. In *Ioannis Evangelium, Tractatus* LVII, 4.

<sup>52</sup> A imagem do noivo e da noiva remete ao conteúdo do Cântico dos Cânticos. Aqui fica evidente que o noivo é identificado com Cristo e a noiva com a Igreja ou, neste caso específico, a Companhia de Jesus.

<sup>53</sup> Ver São João Crisóstomo. *De sacerdotio* II, 2; III, 12; VI, 5.

<sup>54</sup> Ver *ibid.* III, 14-15.

<sup>55</sup> Trata-se de uma alusão à dimensão militante e à organização de cunho militar da Companhia de Jesus.

<sup>56</sup> O Evangelho de João só contém vinte e um capítulos, sendo que a cena descrita aqui se encontra no vigésimo primeiro, versículos 1 a 22. As citações bíblicas neste trecho são da *Vulgata*, tradução latina da Bíblia feita por São Jerônimo no final do século IV e considerada, desde 1590, como versão oficial pela Igreja católica.

respondeu a isso: "Senhor, tu sabes que te amo." Em seguida, falou o Senhor: "Apascenta os meus cordeiros!", certamente não contente com a afirmação de Pedro – embora fosse sincera e invocasse o próprio Deus como testemunha –, a não ser que reconhecesse por verdadeiro que aquele amor na tarefa de apascentar as ovelhas era maior do que o amor dos outros. Sem dúvida, o zelo pelas almas, que só é completo pelo trabalho, é o ápice de todo o amor e toda a caridade. E, por isso, nada de mais agradável a Deus, nada de mais aprazível pode ser executado do que aplicar-se, com toda força, à salvação geral de todos na imitação de Cristo. E é este o primeiro motivo pelo qual eu quero que todos se animem a desejar e pedir esta Missão onde se trata da salvação de inúmeras pessoas,

### [fl. 280v]

a fim de que, por esta razão, prestem uma obediência agradabilíssima a Deus e que se envolvam em uma amizade íntima com ele até ao ponto que deles se possa dizer aquilo que está escrito no 5º capítulo de Jeremias: "Aquele que separar o precioso do impuro" – isto é, conforme diz São Crisóstomo: "Aquele que conduzir o próximo do erro para a verdade, este será como se fosse a minha boca; ele será, seguramente, agradabilíssimo e amicíssimo, porque qualquer obra de suma caridade me é preferível, e, por isso, a mais agradável e mais aceita de todas".<sup>57</sup> Sim, de fato, não somente é obrigatório que chamemos outros para a Missão – ou a razão pode ser apresentada de maneira muito semelhante –, mas também nós mesmos devemos ser apoiados e estimulados em vista do nosso próprio proveito e interesse. Porque, se nada é mais agradável a Deus do que o zelo pela salvação das almas, também absolutamente nada nos é mais útil e vantajoso. "Interessa-nos", diz a Luz das Escolas e o Doutor Angélico.<sup>58</sup> Santo Tomás: "A nós interessa que trabalhemos, deixando de lado os incômodos corporais, para comunicar aos outros as coisas espirituais já adquiridas".<sup>59</sup> São Crisóstomo

<sup>57</sup> O trecho apresenta uma imbricação de citações, sendo uma do capítulo 15 – e não do capítulo 5 –, versículo 19, do Livro de Jeremias, cuja tradução correta seria: "E se souberes separar o que tem valor daquilo que não presta, serás a minha boca". Quanto à citação completa, ver João Crisóstomo. *Homiliae in Genesim* III, 4.

<sup>58</sup> Trata-se de Tomás de Aquino (1225–1274), monge dominicano e um dos maiores teólogos da Idade Média, autor da *Summa Theologiae*, obra que marcou a reflexão teológica até o início do século XX.

<sup>59</sup> Ver Tomás de Aquino. *Catena Aurea in Joannem* 12427. O trecho representa um comentário de João 4,27–30.

lhe dá razão, quando diz: "Assim Deus aumentará o nosso número e vós usufruireis mais abundantemente da graça de cima ao administrar os interesses dos vossos membros".<sup>60</sup> Das palavras destes santos concluo o seguinte: com efeito, se usufruirmos da graça de Deus por causa da preocupação com a salvação das almas, obteremos, por conseguinte, também uma recompensa mais copiosa e maior; pois a recompensa é o resultado do esforço e corresponde equitativamente à graça. No 8º capítulo dos Cânticos lemos o seguinte a respeito da recompensa dos missionários, operários da vinha de Cristo: "A minha vinha está diante de mim; para ti, ó Pacificador,<sup>61</sup> mil peças de prata, e para os que guardam seus frutos, duzentas".<sup>62</sup> Santo Anselmo diz sobre estas palavras: "Aos que guardam os frutos da vinha – para que os fiéis não percam os frutos da eternidade – são destinadas duzentas peças de prata, isto é, uma dupla recompensa; duzentos é o dobro de cem. Eles estão, pois, sendo remunerados com uma recompensa dupla, porque as ganharam".<sup>63</sup> E o Doutor Angélico, tratando das coroas de loureiro que são atribuídas aos beatos no céu por causa de vitórias extraordinárias, diz o seguinte: "A coroa de loureiro é uma recompensa excepcional para uma vitória excepcional".<sup>64</sup> E acrescenta que a coroa de loureiro daqueles que estão instruindo outros será mais preciosa do que a coroa daqueles que conseguiram dominar os seus vícios e o mundo. "Pois, diz ele, deste modo, a luta trava-se acerca de argumentos inteligíveis; já outra acerca das paixões sensíveis".<sup>65</sup> Teodoreto o confirma (conforme estas palavras: "Aqueles que educam muitos para a justiça brilharão igual ao esplendor do céu para todas as eternidades")<sup>66</sup> e diz: "Isto significa que eles serão semelhantes ao céu e às estrelas, como se dissesse: 'Eles serão superiores a todos os santos em beleza, da mesma forma como a beleza do céu e das estrelas está acima da beleza da terra'. E alguns ousam dizer que são destinados a fazer parte dos coros dos anjos, porque

<sup>60</sup> Ver João Crisóstomo. *Homiliae in Genesim* VIII, 4.

<sup>61</sup> Trata-se de um título bíblico para designar o rei Salomão, a quem a tradição atribui o Cântico dos Cânticos.

<sup>62</sup> Ver Cântico dos Cânticos 8,12. Tanto na *Vulgata* como na carta de Bettendorff, a frase bíblica citada não contém o termo "peças de prata", mas, pelo contexto, fica evidente que ele constitui o sujeito.

<sup>63</sup> Ver Anselmo de Cantuária. *Enarrationes in Cantica Cantorum* 1227A. O autor (aproximadamente 1033–1109) foi bispo de Cantuária na Inglaterra e é considerado o fundador da teologia escolástica.

<sup>64</sup> Ver Tomás de Aquino. *Scriptum super Sententiis, Liber IV, Distinctio XLIX Quæstio V, Articulus 5*. Bettendorff substitui o termo *aureola* (auréola), usado pelo Aquinata, por *laureola* (coroa de loureiro) enquanto símbolo de vitória.

<sup>65</sup> Ver Tomás de Aquino. *Summa Theologiae, Pars I, Quæstio LXXXIV, Articuli 1–2*.

<sup>66</sup> Ver Daniel 12,3.

os que estão neste mundo chegam ao céu em nome dos anjos".<sup>67</sup> Se, de fato, é assim – como provei que é –, não sei quem não deve ser encorajado para ir às missões, porque nesse lugar nada parece ser melhor ou mais vantajoso para ele. Eu ainda disse pouco: nada pode ser mais glorioso. E, de fato, pergunto com insistência, o que pode ser dito ou pensado de mais glorioso do que: os próprios missionários, homens apostólicos, são a glória de Cristo, e os que foram convertidos a Deus, através de seu esforço, são a glória dos missionários. O que se refere ao primeiro aspecto não é que São Paulo afirma na Segunda Carta aos Coríntios, no capítulo 8: "Nossos irmãos apóstolos são a glória de Cristo"?;<sup>68</sup> e o que se refere ao segundo ponto, não é que ele se dirige aos Colossenses, falando assim: "Qual então é a nossa esperança ou alegria ou coroa de glória, senão vós que estais diante do nosso Senhor Jesus Cristo na hora de sua vinda? Na verdade, vós sois nossa glória e alegria?"<sup>69</sup> É plausível a opinião que São Odão, abade de Cluny, ensina: que todo aquele que acumulou as atitudes dos missionários, ressuscitará e apresentar-se-á ao tribunal sob os olhares do mundo inteiro e do céu que, mediante sua doutrina,<sup>70</sup> foram conduzidos para junto de Deus.<sup>71</sup> "Lá mesmo, diz São Gregório, serão pronunciadas as sentenças a seu respeito". Então aparecerá Pedro com a Judeia convertida que ele conseguiu arrastar atrás de si; então Paulo conduzirá – assim eu diria – o mundo convertido;

### [fl. 281r]

então André com a Grécia atrás de si; então João conduzirá a Ásia Menor; então Tomé conduzirá a Índia à presença de seu Juiz.<sup>72</sup> então aparecerão, com os lucros das almas, todos os carneiros do rebanho do Senhor que arrastam atrás de si o rebanho conquistado para Deus por seus santos

---

<sup>67</sup> A citação consiste em uma interpretação livre de diversos trechos da obra *Interpretatio in Daniele* de Teodoreto de Cirro (395–457), bispo na Síria e teólogo da Igreja Oriental.

<sup>68</sup> Ver 2 Coríntios 8,23.

<sup>69</sup> Ver 1 Tessalonicenses 2,19. Bettendorff confunde aqui a Carta aos colossenses com a Primeira carta aos tessalonicenses, ambas da autoria de São Paulo.

<sup>70</sup> "Doutrina", termo muito usado nas cartas dos religiosos da época para designar o ensinamento catequético.

<sup>71</sup> Bettendorff se refere a trechos da obra *Collationum Libri Tres* de Odão de Cluny (878–942), um dos primeiros abades do mosteiro de Cluny a partir de onde se divulgou uma importante reforma eclesiástica na Idade Média.

<sup>72</sup> Alusão à tradição das igrejas católica e ortodoxas segundo a qual cada um dos apóstolos foi evangelizar uma parte do mundo então conhecido.

predicadores".<sup>73</sup> Então Nosso Santo Pai<sup>74</sup> oferecerá toda a Companhia, um grande número de outras ordens e todos os cantos do mundo para onde ele enviou os seus filhos; então São Francisco,<sup>75</sup> o apóstolo das Índias, oferecerá a Índia, o Japão, a China e inúmeros reinos e nações; então o santo homem José Anchieta oferecerá o Brasil; o Patriarca André de Oviedo<sup>76</sup> a Etiópia, e outros filhos insignes da Companhia oferecerão ao Senhor outros e mais outros povos. E vós, Reverendos Padres e irmãos caríssimos em Cristo, o que oferecereis? Nada que seja indigno de homens da nossa Companhia, dos quais o papa Gregório XV<sup>77</sup> disse o seguinte: "Enquanto filhos da sagrada milícia da famosíssima Companhia destinada à propagação do nome cristão, logo haveis de oferecer algo. Porventura, oferecereis somente alguns poucos devotos e devotas? Oxalá não! Isto ainda é muito pouco, visto que sois filhos da famosíssima Companhia destinada à propagação do nome cristão. O que então?" Eu direi: vós oferecereis esta América. Um a um, apresentareis cada uma das nações. Este os Pacajás, aquele os Carajás, esse os Tapajós, outro os Taconhapés, outro os Nheengaíbas, outro os Bocas, outro os Jurunas, outro os Poquis, outro os Aruaquis, outro os Tabajaras;<sup>78</sup> outros já outras nações, tantas e tão diversas que me faltaria o tempo se quisesse apresentar aqui somente os nomes e línguas de todas. Nós que vivemos aqui, já temos (glória a Deus), cada um, algo que podemos oferecer. E a mim já está se oferecendo a nova missão dos Guarajus e dos Aruaquis, que todos, com a ajuda de Deus, terei levado até maio ao redil de Cristo. Vós, Reverendos Padres e caríssimos irmãos em Cristo, se desejardes ser um dia partícipes desta glória, levantai-vos, apressai-vos, vinde! Com efeito, inumeráveis nações bárbaras já estão à vossa espera para formarem muitos diademas na cabeça de Cristo

<sup>73</sup> Ver Gregório Magno. *Homiliae in Evangelia* I, 17. O autor se inspira no envio dos discípulos em Lucas 10,1-9.

<sup>74</sup> Trata-se de Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus.

<sup>75</sup> Trata-se de Francisco Xavier (1506-1552), companheiro de Inácio de Loyola e missionário jesuíta na Ásia. Ele gozou de uma veneração extraordinária entre os próprios jesuítas enquanto exemplo de dedicação missionária.

<sup>76</sup> André de Oviedo (1518-1577), jesuíta espanhol, atuou na Etiópia como coadjutor do patriarca João Nunes Barreto e, em seguida, como patriarca, sob o padroado do rei português d. João III. O título "patriarca" lembra o objetivo de, ao assumir os ritos da Igreja copta, estimular os cristãos etíopes a reconhecerem a autoridade papal.

<sup>77</sup> Gregório XV (1554-1623) foi papa de 1621 a 1623. Antigo aluno dos jesuítas, Gregório XV foi próximo à Companhia de Jesus. Ele canonizou o fundador e o primeiro missionário dos jesuítas, Inácio e Francisco Xavier em 1622. No mesmo ano, ele fundou a Propaganda Fide, órgão pontifical para organizar as missões não sujeitas ao sistema do padroado ibérico.

<sup>78</sup> Trata-se de povos indígenas que viveram, na época colonial, no vale e no litoral da Amazônia.

e coroas de glória imortal em vossas cabeças. Animai-vos, vamos! Dirigindo os olhos da mente para os três motivos por mim apresentados, lançai fora a indiferença! Porque ficais ociosos o dia inteiro dentro dos colégios? Ide para a vinha do Senhor! Vinde para a Missão do Maranhão, pela máxima glória de Deus: um campo fértil para o lucro e também para a vossa glória!

Parece-me que ouço alguns dizer: "Sem dúvida, nós partiremos em missão, mas para a Missão do Oriente e não do Ocidente. Pois – assim eles falam – a Missão do Maranhão é uma missão muito pobre, habitada por gente abjeta, rude, bárbara e ingrata. Ela é cheia de trabalhos, incômodos e ofensas. Há muitos coadjutores<sup>79</sup> e iletrados. Ela é extremamente perigosa, pois corre-se o risco de perecer no mar e de ver a castidade ameaçada em terra. Enfim, ela carece de toda esperança de poder morrer mártir. Como todas as coisas mostram ser contrárias daquelas que se encontram na Missão das Índias Orientais, devemos escolher, antes de tudo, esta do que aquela".

Poderia se escrever aqui num estilo ainda bem mais ardente e enfurecer-se com todo direito contra os detratores que difamam esta Missão junto a outras pessoas. Mas como a modéstia religiosa aconselha algo diferente, entrego a Deus, Juiz de todos, aqueles homens com instinto de animal, que não entendem as coisas que são do espírito, a fim de que, assim, a graça dele os transforme completamente e para que faça de detratores malévolos insignes arautos seus. Contudo, eu provarei a seguir que esta Missão há de ser assumida pelas mesmas conclusões pelas quais se alega que deveria ser abandonada;

### [fl. 281v]

visto que todos os argumentos contrários a ela foram esclarecidos e refutados, e apresentados de maneira a fazer uma viva recomendação em seu favor.

Em primeiro lugar, vós dizeis que a Missão é muito pobre e, por causa disso, menos desejável. Reconheço que ela é pobre, mas recuso que, por causa disso, ela deveria ser menos desejada. E a explicação é que a pobreza, na medida em que ela é o grande dever e a mãe da Companhia, da mesma forma ela o é também de todas as missões; e onde a pobreza está sendo amada como mãe, aí a Missão está sendo fecundada por meio de uma rica

---

<sup>79</sup> Os coadjutores dividem-se em coadjutores espirituais, isto é, os padres com os três votos simples de castidade, pobreza e obediência – faltando-lhes, portanto, a profissão solene dos quatro votos que inclui a obediência ao papa –, e os coadjutores temporais, ou irmãos leigos, que emitem os votos simples, mas não são ordenados.

prole<sup>80</sup> de almas. Em todo caso, quando éramos muito pobres no Brasil e nas Índias Orientais, fomos mais fervorosos nas missões. Agora que nos tornamos ricos – sendo que muitos dos nossos estamos infelizmente procurando, com muita ansiedade, nossas comodidades –, não partimos mais em prol das almas quando não estivermos bem equipados com todas as coisas necessárias. No início da Companhia, quando o Nosso Santo Pai mandou que os seus mendigassem de porta em porta e que não tivessem em casa aquilo que considerava como conforto e luxo, todos ficaram alegres de sair de casa e não houve ninguém que se preocupasse com o viático.<sup>81</sup> Agora, ou já não queremos mais sair de casa ou, quando saímos, já visamos às casas opulentas e, além disso, buscamos ter uma bolsa pesada de moedas. E, por causa disso, as missões já não são como antes, porque se cada um de nós vivêssemos contentes na pobreza a exemplo de Cristo e dos apóstolos, já teríamos, sem dúvida alguma, posto o mundo inteiro aos pés de Cristo. Arquimedes disse que atrairia para si a terra inteira, se ele pudesse fincar por completo um pé firme fora do mundo.<sup>82</sup> E eu digo que, se nem sequer tocássemos o mundo e seus bens nem seja com um pé, seja com as pontas dos dedos dos nossos sentimentos, nós atrairíamos o mundo inteiro para o céu. Que Cristo Nosso Salvador sirva de exemplo que, falando de si próprio, disse: "Quando eu estiver levantado da terra, atrairei todas as coisas para mim".<sup>83</sup> E assim aconteceu; porque, quando ele morreu muito pobre, pendendo nu no lenho da cruz, e quando ele não tocou mais a terra com as pontas dos dedos dos pés, ele atraiu a terra inteira para si. A respeito disso fala o insigne Tauler: "Se tu desejares ser útil a todas as criaturas, converte-te a partir de todas as criaturas a Deus".<sup>84</sup> Portanto, que ninguém diga que não quer esta Missão por ela ser muito pobre; porque aquela pobreza torna-a, de longe, mais apropriada para a finalidade da missão (que é a salvação das almas) do que

---

<sup>80</sup> Literalmente, "descendência" ou "geração".

<sup>81</sup> Provisão em dinheiro e/ou alimentos para viagem. O termo é muito frequente na correspondência jesuítica.

<sup>82</sup> Bettendorff faz aqui uma alusão à lei da alavanca de Arquimedes que teria dito: "Dai-me um ponto fixo de apoio [para apoiar uma alavanca] e eu levantarei a terra."

<sup>83</sup> Ver João 12,52.

<sup>84</sup> Ver João Tauler. *Sermones in Evangelia* III, 80. O autor (1300-1361), monge dominicano alemão, é conhecido por seus sermões místicos que inauguraram o chamado misticismo renano. Rejeitando os elementos externos e destacando a importância da experiência individual e interior, seus escritos ganharam muita importância na época da Reforma e Contrarreforma, inclusive nos colégios jesuíticos.



as riquezas das Missões Orientais. Ouvi o que o Apóstolo<sup>85</sup> escreveu a seu muito querido Timóteo: "Tendo alimentos e com o que vestir-se, estejamos contentes com isso".<sup>86</sup> Aqui temos alimentos, farinha, evidentemente, e água, e, de vez em quando, ou carne ou peixe. Temos também roupas feitas de algodão com as quais nos vestimos. E devemos estar contentes com estas coisas a exemplo do grande apóstolo (se queremos ser homens apostólicos). É ignóbil para um homem missionário falar, e até pensar, na suntuosidade seja da comida, seja da bebida, seja da roupa ou de outras comodidades do corpo. Mas, deixando este ponto que ficou muito comprido pela tardança, prossigamos de maneira inapropriada.

Em segundo lugar, vós dizeis que a Missão do Maranhão é de gente abjeta, ingrata e completamente bárbara; e que, na verdade, aquela do Oriente é de homens honrados, nobres, inteligentes, gratos e bem conforme às nossas nações políticas, e que, por esse motivo, ela deveria ser colocada à frente da Missão do Maranhão. Na verdade, fico espantado que os homens da Companhia estejam se desviando tão grosseiramente de sua maneira de julgar bem, quando Cristo, o mestre e o príncipe de todas as missões, tantas vezes nos ensinou claramente o contrário através de seu próprio exemplo. Que um único exemplo, dentre muitos que podem ser citados, seja suficiente para confirmar a minha opinião. Lemos no Evangelho que Cristo foi convidado por um funcionário régio, para que se dignasse a entrar em sua casa e, uma vez nela, a socorrer o filho acamado com uma doença grave. Contudo, o Senhor não entrou na casa do pedinte, mas curou mediante sua força divina, estando ausente.<sup>87</sup> Lemos também que um centurião foi junto a Cristo e implorou que ele ajudasse o servo dele que estava mal. Mas Cristo, diante do centurião relutando inutilmente

### [fl. 282r]

e alegando não ser digno, não queria curar estando ausente, mas presente. E, diante desta situação, dirigiu-se à casa do centurião para curar o servo.<sup>88</sup> Eu pergunto: porque Cristo foi à casa do centurião para recuperar a saúde do servo, um homem comum e insignificante por causa de suas fun-

<sup>85</sup> Trata-se do apóstolo Paulo.

<sup>86</sup> Ver 1 Timóteo 6,8.

<sup>87</sup> Ver João 4,46-54.

<sup>88</sup> Ver Mateus 8,5-13 e Lucas 7,1-10.

ções servis, e não queria ir à casa do funcionário régio, um homem nobre e rico, para curar seu filho de igual nobreza e riquezas? De fato, quando tinha decidido descer para junto de um dos dois, parecia melhor que tivesse decidido para junto do nobre e rico do que para junto do servo pobre, comum e insignificante. É assim que nós julgamos e é assim que, infelizmente, agimos num momento que nos parece oportuno. Precipitamo-nos para junto dos abastados e nobres; dificilmente corremos de longe para socorrer os pobres e desprezíveis – quando deveríamos fazer o contrário. Mas prefiro que neste assunto sejamos fiéis à sentença de São Gregório: "Por que motivo ele nos deu um exemplo a esse respeito, diz ele, senão para que a nossa soberba seja quebrada; nós que não veneramos nos homens a natureza que foi feita conforme a imagem de Deus, mas a honra e a riqueza? Na verdade, a fim de mostrar porque as coisas nobres dos homens devem ser desdenhadas e as coisas desprezíveis dos homens não devem ser desdenhadas, o nosso Redentor não queria ir para junto do filho do funcionário régio; ele se dispôs a ir para junto do servo do centurião. No entanto, a nossa soberba se encheu ao ponto de não saber apreciar os homens por causa dos homens e de apreciar somente as coisas que estão em volta dos homens; ela não olha a natureza, ela não reconhece a honra de Deus nos homens".<sup>89</sup> O que dizeis sobre isso, Reverendos Padres e caríssimos irmãos em Cristo? Não é que até agora vós dizeis que a Missão do Oriente tem que ser preferida a esta, porque nela tem homens ricos, nobres, sábios e cultos? Cristo desce para junto do servo e não quer descer para junto do nobre; mas vós quereis descer para junto dos nobres e brilhantes e não quereis chegar perto destes homens desprezíveis, comuns e servos de todos? O que quereis? Animai-vos! Quanto a mim, pretendo seguir o exemplo de Cristo. Tende cuidado para que, enquanto vos preocupais com coisas humanas, não sejais despojados da recompensa de vossos esforços! Aqui vós estais em meio àqueles servos humildes, ingratos, estúpidos e bárbaros, mas a recompensa permanece segura. Porque não há nada que afasta o olho da vontade do mais simples olhar para Cristo – e por isso, justamente por esse motivo, esta Missão não somente não deve ser posta atrás da outra, mas deve ser posta, de qualquer modo, à frente dela como escola de uma virtude mais firme e mais segura.

"Ora, a Missão do Maranhão é muito trabalhosa, cheia de misérias, perseguições e insuportáveis incômodos. Na Missão do Oriente existem tam-

---

<sup>89</sup> Ver Gregório Magno. *Homiliae in Evangelia* II, 28.

bém incômodos e perseguições, mas não da mesma forma; e, por isso, ela deve ser colocada à frente da Missão do Maranhão." Trata-se aqui de um engano ainda mais grave do que o anterior. Eu penso que se deve falar e argumentar da seguinte maneira. A Missão do Maranhão está sendo afligida por muitas desgraças e perseguições que têm que ser suportadas dia após dia. Portanto, trata-se de uma verdadeira missão; por isso, seus missionários são verdadeiros missionários e homens apostólicos aptos a pregar a palavra de Deus. "Eles estarão cheios de vigor, diz o salmista, para que anunciem."<sup>90</sup> E São Paulo, na 2ª Carta aos Coríntios, diz: "No meio de vós foram realizados os sinais do meu apostolado: constância em tudo";<sup>91</sup> e, em seguida: "Que nós mesmos nos apresentemos como ministros de Deus, com muita

### [fl. 282v]

paciência em tribulações, necessidades, angústias, açoites, prisões";<sup>92</sup> e, ainda mais, na 1ª Carta aos Coríntios lê-se: "Até à presente hora, padecemos fome, temos sede e estamos nus; somos esbofeteados e vivemos errantes; esgotamo-nos no trabalho de nossas mãos; somos injuriados e abençoamos; sofremos perseguição e suportamos; somos caluniados e exortamos. Tornamo-nos como que imundície deste mundo, a escória de tudo, até ao presente".<sup>93</sup> Digo abertamente que tudo aquilo que até aqui foi dito pelo Apóstolo aplica-se à Missão do Maranhão; mas não por isso ela deve ser posta em segundo lugar; mas, melhor, ela deve ser posta à frente da Oriental, porque ela dá esperança a uma messe mais fecunda. De fato, Cristo diz: "Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica sozinho; mas se morrer, ele produz muito fruto".<sup>94</sup> E dado que estamos aqui morrendo diariamente, junto com o Apóstolo, uma morte lenta por causa da salvação das almas, podemos assegurar para nós muito fruto e, por esta razão, devemos, em todo o caso, preferir a nossa Missão à Oriental.

Mas, passemos à quarta objeção. A Missão, dizem, é perigosa por causa dos perigos cotidianos e gravíssimos para o corpo e a alma. Os do corpo encontram-se certamente no mar e nos rios rapidíssimos, que têm que ser

<sup>90</sup> Ver Salmo 91/92,15-16.

<sup>91</sup> Ver 2 Coríntios 12,12.

<sup>92</sup> Ver 2 Coríntios 6,4-5.

<sup>93</sup> Ver 1 Coríntios 4,11-13.

<sup>94</sup> Ver João 12,24.

atravessados e cruzados mil vezes em uma pequena canoa, visto que não há caminhos terrestres. Os da alma de fato há, porque aquela gente anda completamente nua. Além disso, está inteiramente entregue aos vícios da carne e está sempre inclinada e pronta a cometer atos ilícitos. E o que é pior, sem pudor e vergonha, dia e noite, ela seduz os desprevenidos, ora com uma palavra, ora com um gesto, ora piscando os olhos, ora mesmo se aproximando até ao ponto de tocá-los e abraçá-los, a ver se, deste modo, o caminho para junto dos que dormem ou estão deitados está aberto. É assim mesmo. "Mas não tenha medo", diz o Senhor no 43º capítulo de Isaías, "se tiveres de atravessar as águas, estarei contigo, e os rios não te submergirão; se caminhares pelo fogo, não sucumbirás, e a chama não queimará em ti".<sup>95</sup> Até agora, ninguém na Missão se afogou nas águas. Frequentemente, enfrentamos – e continuamos a enfrentar – perigos mais do que evidentes e inevitáveis, mas ninguém, como estou dizendo, pereceu até ao presente. Faz poucos dias que o Padre João Maria Gorzoni,<sup>96</sup> um italiano, nadou, por volta da meia-noite, durante duas horas, no rio Amazonas, largo e rápido, agarrado a uma prancha. Mas, com a ajuda de Deus, ele foi salvo por um índio que se encontrava com ele no mesmo perigo e ao qual ele mandou confessar-se por estar próximo da morte. O mesmo perigo, porém um pouco menor, sobreveio ao Padre Manuel Pires,<sup>97</sup> seu companheiro; mas este escapou também.<sup>98</sup> Nem o fogo da concupiscência queima, a não ser os incautos e os que confiam demasiadamente em si. Que sejamos homens tais que devemos ser nestas partes, amando as virtudes angélicas – e estaremos em segurança. Todavia, poderíamos ter sido tentados, visto que somos seres humanos. Mas Deus não permite que sejamos tentados para além daquilo que podemos aguentar. Digo francamente o que sinto. Penso que, nesta Missão, a virtude da castidade é, de longe, maior do que em outras terras. Pois, como as lutas e vitórias dela são diárias, não pode ser que uma virtude tão aprovada e vigorosa não almeje mais crescimento e não agrade bem mais a Deus em nossos missionários do que nos europeus que quase não têm ocasião de enfrentar um perigo grave.

---

<sup>95</sup> Ver Isaías 43,1-2.

<sup>96</sup> João Maria Gorzoni, padre jesuíta, originário da Itália, na Missão do Maranhão desde 1659, com reputação de ser um missionário experiente.

<sup>97</sup> Manuel Pires, padre jesuíta, originário de Portugal, na Missão do Maranhão desde 1655.

<sup>98</sup> Bettendorff relata o ocorrido em sua carta ânua de 1671. Arsi, cód. Bras 9, fl. 265r.

### [fl. 283r]

Por isso, se alguém, ciente de sua fraqueza, tiver muito medo, que permaneça na Europa; ou peça as Missões Orientais, onde gente mais honesta não provoca guerras tão penosas contra a castidade. Nestas terras não são apreciadas e não perseveram senão as virtudes que são mais fortes e sólidas do que bronze e aço; e justamente neste sentido, esta Missão está à frente da outra, pois disposições mais perfeitas regem aquilo que é mais perfeito. Avancemos agora, finalmente, à quinta objeção. Vós dizeis que esta Missão é menos almejavél porque carece do martírio e até da esperança ao martírio; enquanto isso, a Missão Oriental já produziu muitos mártires gloriosos e acorda a todos os demais a esperança ao martírio. À primeira vista, esta objeção parece apontar algo difícil, mas, tendo bem refletido sobre o assunto, ela é completamente fútil e falsa; e falsa até ao ponto de me fornecer a oportunidade para provar claramente que esta missão é bem mais apetecível em comparação com todas as demais, porque nela há martírios mais excelsos. Ainda que eu não fale dos homens apostólicos que aqui morreram, em obediência a Deus, debaixo dos tacapes dos bárbaros – dos quais podemos dizer piamente que são mártires junto de Deus –, ousou afirmar que aqui há muitos martírios, mais excelsos do que aqueles em outras missões. E provo isso, primeiramente, por meio da autoridade de São Bernardo<sup>99</sup> em matéria de castidade e virgindade. Aquele doutor melífluu diz que a mortificação contínua, sobretudo no que diz respeito à castidade, é um martírio, certamente mais fácil de sofrer pelo rigor, mas mais difícil pela duração do tempo.<sup>100</sup> A partir disso, chego a esta conclusão: há, pois, muitos martírios nesta Missão, porque as batalhas da castidade e das outras virtudes são muitas, intensas e longas; certamente mais fáceis de sofrer pelo rigor, mas mais difíceis pela dificuldade e a duração do tempo. Mas, deixando este argumento, passemos a outro. O que vos parece? Acaso aquele que renunciar à esperança ao martírio por causa de Deus e, além disso, até ao martírio de si próprio,<sup>101</sup> deixa de ser um mártir junto de Deus, quando ele o fizer no intuito de dedicar-se à salvação

<sup>99</sup> Bernardo de Claraval (1090–1153) foi abade cisterciense e um dos teólogos mais influentes na Idade Média. Pregador famoso, ele é conhecido como *doctor melifluus*, isto é, "doutor de cuja boca flui mel".

<sup>100</sup> Ver Bernardo de Claraval. *Sermones in Cantica Canticatorum* XXX, 11.

<sup>101</sup> Na época, o martírio "por causa de Deus", resultante de um impulso de ódio contra a pregação do missionário, teve mais valor do que o martírio "de si próprio", decorrente de circunstâncias não diretamente ligadas à difusão da fé cristã.

das almas? Eu penso que ele seja um mártir e alguém que conquistará a coroa do martírio e, ademais, uma coroa mais excelsa. E dou provas. No 15º capítulo de João, Cristo, nosso Senhor, fala assim: "Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a sua vida por seus amigos".<sup>102</sup> E, no entanto, Santo Tomás ensina que enfrentar o martírio em si não é equivalente à caridade que se manifesta ao próximo buscando sua salvação. Pois ele diz: "É melhor ser útil aos outros do que a si mesmo. Aquela que sofre o martírio é útil a si mesmo; aquela que se esforça na salvação das almas é útil aos outros. Por isso, como é melhor ser útil aos outros do que a si mesmo – e alguém é útil a si mesmo por meio do martírio, aos outros por meio do zelo pelas almas –, a caridade será maior. E é algo maior ser útil aos outros mediante o martírio do que ser mártir – no sentido restrito – e ser útil somente a si mesmo".<sup>105</sup> São Crisóstomo confirma esta frase com palavras claras. "Agora, diz ele, suponha-se que alguém jejue, mostre o valor do martírio e seja cremado, mas um outro, para a edificação em virtude do poder de Cristo,

### [fl. 283v]

não somente adie o martírio, mas também morra sem martírio; quem dos dois será, neste caso, melhor depois desta peregrinação terrestre? Não há razão para que nos detenhamos aqui, diz o santo, visto que há uma frase do apóstolo Paulo que diz: "Tenho o desejo de ser levado embora e estar com Cristo, mas é melhor que eu permaneça ainda na carne por causa de vós".<sup>104</sup> A partir disso fica claramente evidente que o maior martírio ou – como eu diria mais adequadamente – o mais necessário para o martírio é renunciar a dedicar-se à salvação das almas do que morrer, de fato, pela salvação das almas posta em segundo lugar; que serão mais importantes aqueles que, deste modo, tiverem renunciado ao martírio para aplicar-se à salvação das almas, como o fazem os missionários do Maranhão – mas não os do Oriente –, porque, em geral guiados somente pela esperança ao martírio, eles precipitam-se para cá, e ainda mais, como se, de fato, não existisse martírio, e um

<sup>102</sup>Ver João 15,13.

<sup>105</sup>Ver Tomás de Aquino. *Summa Theologiae*, Pars II, *Quaestio* 124, *Articulus* 3.

<sup>104</sup>Ver João Crisóstomo. *Homilia in Matthæum* LXXVII, 6. A homilia se refere ao trecho do Evangelho de Mateus 24,33-34. A citação do apóstolo Paulo que se encontra no trecho é da Carta aos filipenses 1,23-24.

tão excelso; abrindo mão do martírio em virtude de Deus, eles entregaram-se inteiramente à salvação das almas por causa de seu amor.

Resta agora que falemos um pouco da última objeção. Alguns dizem que esta Missão é dos coadjutores, que ela não tem homens doutos. Isso se diz sem refletir, pois nela todos são professos<sup>105</sup> e, em sua maioria, homens que ou defenderam publicamente a teologia<sup>106</sup> nas mais renomadas universidades de toda a Europa ou que também a teriam defendido caso se tivesse apresentado a ocasião. E quase não tem coadjutores aqui, senão os temporais; senão – há quem os chame inadequadamente de coadjutores – os que ainda não terminaram os estudos, mas que os terminarão no momento oportuno. Bastaria saber que o Reverendo Padre Vieira era desta Missão para fechar as bocas dos homens muito faladores. Mas vamos deixar de lado este assunto que, manifestamente, não tem fundamento, mesmo se a situação fosse assim. Realmente, esta Missão deveria ser exaltada, pois nela certos membros renunciaram a estudos e cátedras para dedicar-se à salvação das almas. Eles sabem que, de fato, é mais do que verdade aquilo que diz São Crisóstomo: "Pois, ainda que abraçares a sublime filosofia e desprezares também o sacrifício do próximo, tu não poderás gozar de nenhuma confiança junto de Deus".<sup>107</sup> Esta será a prova da nossa salvação: se estivermos preocupados não somente conosco mesmos, mas também se formos úteis ao próximo, guiando-o pela mão rumo ao caminho da verdade. E caso esta resposta não seja satisfatória: que venham para cá e que examinem a sua doutrina e a dos outros. De fato, aqui precisa-se muito de homens não menos doutos do que virtuosos que estejam, no entanto, aptos para tudo. E a fim de que falemos mais modestamente, ouçamos o que diz o Apóstolo: "Vede, diz ele, vossa vocação, irmãos, porque não há muitos sábios conforme a carne, não muitos poderosos, não muitos nobres; mas o que é insensato neste mundo e aquilo que não é nada, Deus o escolheu".<sup>108</sup> "Isso é certo, diz o insigne Doutor Tauler, porque Deus age por toda parte soberana e divinamente; ele ocupou-se desta obra por causa de ninguém, senão o nada; na

<sup>105</sup> Os professos são os padres que, além dos três votos simples de castidade, pobreza e obediência, emitiram solenemente um quarto voto, isto é, o da obediência ao sumo pontífice. Em 2 de fevereiro de 1669, dois anos antes da redação da presente carta, vários padres – entre eles o próprio Bettendorff – acabaram de tornar-se professos. Ver João Felipe Bettendorff. Carta ânua. São Luís, 21/07/1671. Arsi, cód. Bras 9, fl. 261v.

<sup>106</sup> Quer dizer, os que concluíram os estudos teológicos antes de partir para a missão.

<sup>107</sup> Ver João Crisóstomo. *Elogio de Delectione Dei* 432C.

<sup>108</sup> Ver 1 Coríntios 1,26–27.

verdade, o nada de seu obrar é mais eficaz do que qualquer outra coisa".<sup>109</sup> Mas o que quero provar a muitos é aquilo que Cristo ensinou com palavras claras, dizendo: "Eu te agradeço, Pai, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelastes aos pequeninos. É assim, Pai, pois assim é agradável diante de ti".<sup>110</sup> Por esta razão, tendo assumido sua missão, ele se humilhou, se desgastou a si mesmo. E como diz Santo Agostinho a respeito do Apóstolo dos Gentios, Paulo: "Cristo prostrou Saulo mediante uma única chamada, e ergueu Paulo; isto é: prostrou o soberbo e ergueu o humilde;

### [fl. 283Ar]

foi prostrado o perseguidor, foi erguido o predador".<sup>111</sup> E, por isso, que se cuidem os soberbos de falar mal – para a perdição das almas – dos missionários desta Missão. Se eles se recusam de vir para cá, muito menos nós desejamos tais pessoas. Pedimos homens doutos, mas humildes: não Saulos, mas Paulos. "Pois Deus, como diz o Eclesiastes, é honrado pelos humildes".<sup>112</sup> Neste sentido, Godefredo confirmou, com respeito a São Bernardo, que "ele foi mais humilde na medida em que ele foi cada vez mais útil ao povo de Deus divulgando toda a doutrina salutar".<sup>113</sup> Por isso, Reverendos Padres e caríssimos irmãos em Cristo, visto que o zelo pela salvação das almas é agradabilíssimo a Deus, mostrei que ele nos é realmente utilíssimo e, igualmente, gloriosíssimo. E, além disso, apresentei argumentos àqueles que, negligentes e levianos, são contra esta Missão; a partir das próprias conclusões, ela tem que ser mais almejada. Dentre as mesmas pessoas há certas que, conduzidas por um espírito não sadio, insistem em combatê-la, afastando dela missionários para o grande prejuízo das almas. Estimú-

<sup>109</sup>Ver João Tauler. *The inner way (Der innere Weg)*, Sermo XVII (In Assumptione Beatae Mariae Virginis).

<sup>110</sup>Ver Mateus 11, 25-26 e Lucas 10,21.

<sup>111</sup>Ver Agostinho de Hipona. *Sermones ad Populum, Classis II, De Tempore LXXIV*. A citação faz alusão à conversão do apóstolo Paulo, relatado em Atos dos Apóstolos 9,1-19. Tudo indica que Saulo, ao tornar-se cristão, assumiu o parônimo Paulo, de origem grega, em detrimento de seu nome original de origem hebraica. Esta mudança pretende sublinhar a universalidade de seu mandato missionário para além da comunidade judaica.

<sup>112</sup>Ver Eclesiástico 3,21. Bettendorff confunde aqui o Livro do Eclesiastes com o Livro do Eclesiástico, um escrito deutero-canônico, atribuído a Jesus Ben Sirac.

<sup>113</sup>Ver Godefredo de Auxerre ou de Claraval. *In vita Sancti Bernardi I*, 3. O autor (aproximadamente 1115-1188) foi abade do mosteiro cisterciense de Claraval. Sucessor de São Bernardo, ele foi um dos primeiros a escrever sobre este, como também sobre o filósofo Pedro Abelardo (1079-1142), outro contemporâneo seu.



lai em vós o espírito da Companhia, vossa mãe, e mostrai-vos como filhos genuínos dela, gerados pelo Nosso Santo Pai! "Procurai entender, diz São Crisóstomo, pois somos mercenários enviados. Se, portanto, somos mercenários, devemos saber quais as nossas obras; nossas obras são, sim, obras de justiça".<sup>114</sup> Que não cultivemos nossos campos, que não juntemos riquezas e obtenhamos honras, mas que sejamos úteis aos próximos. Pois, assim como ninguém orienta um mercenário que faça somente aquilo que come, assim, pela mesma razão, também nós não somos chamados para que realizemos somente as obras que concernem à nossa vantagem, mas à glória de Deus. E assim como um mercenário, que faz somente aquilo que come, anda pela casa sem motivo próprio, assim nós – caso fizermos somente as coisas que concernem ao nosso proveito – vivemos sem motivo próprio sobre a terra. Eu digo isso a respeito da nossa Companhia, que tem como objetivo a glória de Deus na busca da perfeição própria<sup>115</sup> e, sobretudo, da salvação alheia. Por isso, se não nos ocupamos à toa e perambulamos sem motivo próprio pelos colégios e pela Companhia – pois então estaríamos, de fato, ociosos em meio a este mundo –, Cristo nos conduziu e nos enviou para trabalhar em sua vinha, seguindo seu exemplo, e nos dedicar à salvação das almas. Pensai bem, Reverendos Padres e caríssimos irmãos em Cristo, em realizar plenamente aqui aquilo que Jeremias tanto deplorava, quando ele diz no 4º capítulo das Lamentações: "Os pequeninos pediram pão e não houve quem o partilhasse para eles".<sup>116</sup> Pensai bem que foi por esta razão que São Xavier, o apóstolo das Índias, se sentiu um dia inflamado por um desejo muito grande de navegar para a Europa e de percorrer todas as academias, para exclamar em alta voz: "Ah, quão grande número de almas, encontrando-se banido do céu por causa de vossa falta, foi precipitado ao inferno!".<sup>117</sup> Com os mais elevados desejos da alma quero e almejo fazer agora a mesma coisa. Mas como não posso realizar os propósitos sem pensar na perdição de almas, escrevo esta carta por inteiro a todos, repetindo várias vezes a mesma coisa: Ah, quão grande número de almas nestes vastos sertões da América, encontrando-se banido

<sup>114</sup>Ver João Crisóstomo. *Homilia in Matthæum* XXXIV, 2. A imagem do mercenário se refere aqui à parábola bíblica sobre os trabalhadores empregados para cultivar uma vinha. Ver Mateus 20,1-16.

<sup>115</sup>A autossantificação de seus membros foi o objetivo principal de todas as ordens e congregações até o Concílio Vaticano II (1962-1965).

<sup>116</sup>Ver Lamentações de Jeremias 4,4. No original, Bettendorff abrevia este livro bíblico de *Tren.*, recorrendo à designação grega *Threnoi* que significa *Lamentações*.

<sup>117</sup>Ver Francisco Xavier. Carta a Simão Rodrigues (após sua volta do Japão). Goa, 07/04/1552. In: XAVIER, Francisco. *Obras completas*. Trad. Francisco de Sales Batista. São Paulo: Loyola, 2006, p. 632.

do céu por causa de vossa falta e vossa preguiça, foi precipitado ao inferno! Vinde, apressai-vos logo e afastai um tão grande mal das almas redimidas pelo grande valor do precioso sangue de Cristo graças a vosso esforço!

### [fl. 283Av]

Não vos preocupeis por causa do viático, porque o viático foi proibido por Cristo aos apóstolos: principalmente quando prometestes ir às missões sem viático, todas as vezes que estais sendo enviados pelo Sumo Pontífice,<sup>118</sup> e quando, neste momento de paz tranquila,<sup>119</sup> podeis caminhar de colégio em colégio, de cidade em cidade, de casa em casa, comendo o que vos será servido. Ao chegardes a Lisboa, a todos será abundantemente provido de nossa pobreza. Mas advirto de que, ali mesmo, não vos deixeis afastar por uma proposta e levar para a Missão Oriental; pois parece que o Senhor vos chama nas próprias Escrituras para esta Missão, sobretudo neste momento. Ouvi e refleti bem aquilo que está no 19º capítulo de Jeremias: "Ide, mensageiros velozes, a uma nação de alta estatura e pele lustrosa, a um povo terrível após o qual não há outro, a uma nação que está à espreita e que é dominadora, cuja terra é cortada por rios".<sup>120</sup> Uma profecia dirigida aos egípcios; mas parece, perfeitamente, uma profecia sobre o povo daqui.<sup>121</sup> Mas ouvi e refleti convosco que outra predicação do mesmo profeta foi feita pelo Senhor: "Eis, diz ele, que estou enviando muitos caçadores e eles os caçarão sobre todos os montes, sobre todas as colinas e pelas cavernas".<sup>122</sup> Com efeito, os bárbaros desta América são feras rudes e, a exemplo das feras, estão vagando pelos esconderijos das selvas, conforme seus costumes selvagens. Nós somos os caçadores. Vinde também vós à caça! Enquanto esperamos por vosso auxílio, nos aplicamos e nos gastamos pela missão inteira, e caminhando, armados com o arco e a flecha da caridade, pelos esconderijos das selvas, insistimos que aquelas feras entrem no redil como futuras ovelhas

<sup>118</sup> Alusão ao quarto voto dos jesuítas que os obriga à obediência total ao papa.

<sup>119</sup> O século XVII na Europa foi marcado por guerras constantes, destacando-se a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e o conflito franco-espanhol (1635-1659).

<sup>120</sup> Bettendorff menciona o profeta Jeremias como autor da citação. Esta se encontra, no entanto, no livro do profeta Isaías 18,2.

<sup>121</sup> O trecho bíblico anterior se refere, de fato, aos egípcios e remete a Isaías 19,1-25 que contém uma maldição contra o Egito. Bettendorff aplica, de maneira implícita, a profecia bíblica aos índios e à América.

<sup>122</sup> Ver Jeremias 16,16. Objetos da caça são os israelitas quando, segundo o texto, forem dispersos e exilados.

de Cristo para que delas preparemos aquele prato de carne para Santo Isaac a fim de que ele se regale.<sup>125</sup> Aqui paro de escrever, pedindo ao Deus Ótimo e Máximo<sup>124</sup> e suplicando que ele comova vossas mentes – as de todos – e guarde a todos sãos e salvos. Que ele, também, encarregue seu anjo Rafael<sup>125</sup> daqueles que virão, para que os conduza, proteja e acompanhe pelos caminhos certos até ao momento em que atingirá com eles o destino desejado de sua peregrinação. Adeus! Que Jesus e Maria estejam convosco no caminho. Todos os missionários vos saúdam e se recomendam aos santos sacrifícios<sup>126</sup> dos Reverendos Padres e às piedosas preces dos caríssimos irmãos. Belém do Grão-Para, aos 5 de fevereiro de 1671.

De Vossas Reverências e dos caríssimos irmãos  
o humílimo servo em Cristo,  
João Felipe Bettendorff IHS

Desculpai, eu suplico, a pobreza do estilo, a confusão da maneira de escrever e os erros, pois a quantidade de ocupações, a breve demora do navio que está com pressa para sair deste porto, a proximidade de uma missão<sup>127</sup> de longa distância e de demorada viagem, ao começo da qual estou me preparando faz dez dias, não me deram espaço e nem tempo para ordenar os assuntos e escrever. Não refleti antes sobre esta carta, mas a redigi somente num único dia – e este ainda foi interrompido por vários outros; não se tratando de um dia compacto – e a copiei com uma pena que malmente avançava.<sup>128</sup> Não digo isso para que penseis que a tivesse escrito de maneira mais elegante, mas para que não me acuseis de grosseria, visto que estou escrevendo uma carta tão confusa e incorreta àqueles aos quais devo o máximo de respeito.

<sup>125</sup> Trata-se de uma alusão à passagem bíblica na qual o patriarca Isaac pede a seu filho primogênito Esaú que lhe prepare um prato com caça para, em seguida, abençoá-lo. Porém, o filho mais jovem, Jacó, engana seu pai e seu irmão, obtendo a bênção paterna para si. Ver Gênesis 27,1-45.

<sup>124</sup> Originalmente, invocações de Júpiter, divindade principal do panteão romano.

<sup>125</sup> Alusão à função do anjo Rafael como acompanhante e protetor do jovem Tobias, um israelita que vivia no exílio na Assíria, conforme relatado no livro de Tobias, capítulos 3 a 12. Popularmente, são Rafael é considerado como um dos três arcanjos e venerado como padroeiro dos viajantes.

<sup>126</sup> Sinônimo de missa ou celebração eucarística.

<sup>127</sup> Bettendorff partiu "no tempo da quaresma" de 1671 para Gurupá na boca do rio Xingu e Cameté no rio Tocantins. Ver João Felipe Bettendorff. Carta anual. São Luís, 21/07/1671. Arsi, cód. Bras 9, fl. 266r-266v.

<sup>128</sup> Missivas importantes, como as cartas anuais, sempre foram copiadas várias vezes e enviadas em diferentes navios, no intuito de que ao menos uma cópia chegasse ao destinatário; neste caso, o superior geral.

No que concerne aos demais assuntos, não procuro acertar palavras muito sutis da sabedoria humana, mas antes o espírito e a virtude de Deus. Adeus!

## Referências bibliográficas

### Fontes manuscritas

- Archives nationales du Grand-Duché de Luxembourg, Luxemburgo, cx. A-XXXVIII-6.  
Archivum Romanum Societatis Iesu – Arsi, Roma, cód. Bras 9, Bras 26, Bras 27 e Gal Bel 45.  
Biblioteca da Ajuda, Lisboa, cód. 54-XIII-4.

### Fontes impressas

- ACOSTA, José de. *De Natura Novi Orbis et de promulgatione Evangelii apud barbaros, sive de procuranda Indorum salute*. Salamanca: Impr. G. Foquel, 1588/1589.  
*Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, vol. 66, 1948.  
BETTENDORFF, João Felipe. *Crônica dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves/Secretaria de Estado da Cultura, 1990 [1698].  
*Documenta Catholica Omnia*. Disponível em <<http://www.documentacatholicaomnia.eu>>. Acesso em novembro de 2011.  
*Monumenta*. Disponível em <<http://monumenta.ch/latein/>>. Acesso em novembro de 2011.  
XAVIER, Francisco. *Obras completas*. Trad. Francisco de Sales Batista. São Paulo: Loyola, 2006.

## Bibliografia

- ALDEN, Dauril. *The making of an enterprise: the Society of Jesus in Portugal, its empire, and beyond (1540-1750)*. Stanford: Stanford University Press, 1996.  
ALENCASTRO, Luiz Felipe de. L'économie politique des découvertes maritimes. In: NOVAES, Adauto (dir.). *L'autre rive de l'Occident*. Paris: Métailié, 2006.  
ALMEIDA, António Rodrigues de (coord.). *Dicionário de latim-português*. 3ª ed. Porto: Porto Editora, 2008.  
ARENZ, Karl Heinz. *De l'Alzette à l'Amazonie: Jean-Philippe Bettendorff et les jésuites en Amazonie portugaise (1661-1693)*. Sarrebruck: Éditions Universitaires Européennes, 2010.  
BAUTZ, Friedrich Wilhelm; BAUTZ, Traugott (ed.). *Biographisch-Bibliographisches Kirchenlexikon*, Nordhausen: Verlag Traugott Bautz, 2011. Disponível em <<http://www.bautz.de/bbkl/>>. Acesso em dezembro de 2011.

- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOXER, Charles. *O império marítimo português: 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. 4. Rio de Janeiro/Lisboa: Livraria Portugalia/Instituto Nacional do Livro, 1943, p. 219-222.
- MAURO, Frédéric. *Des produits et des hommes: essais historiques latino-américains (XVI<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècles)*. Paris: École Pratique des Hautes Études, 1972.
- O'MALLEY, John. *Os primeiros jesuítas*. São Leopoldo/Bauru: Unisinos/Edusc, 2004.
- PÉCORA, Alcir. A arte das cartas jesuíticas do Brasil. In: Idem. *Máquina de gêneros*. São Paulo: Edusp, 2001.
- PORRO, Antônio. *Dicionário etno-histórico da Amazônia colonial*. São Paulo: Instituto dos Estudos Brasileiros/USP, 2007.
- QUILLIET, Bernard. *L'acharnement théologique: histoire de la grâce en Occident, III<sup>e</sup>-XXI<sup>e</sup> siècles*. Paris: Fayard, 2007.
- SCHMIDT-BIGGEMANN, Wilhelm. Die politische Philosophie der Jesuiten: Bellarmín und Suárez als Beispiel. In: FIDORA, Alexander; FRIED, Johannes et alii (eds.). *Politischer Aristotelismus und Religion in Mittelalter und Früher Neuzeit*. Berlin: Akademie-Verlag, 2007.
- SCHWARTZ, Stuart. *Cada um na sua lei: tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico*. Trad. Denise Bottman. São Paulo/Bauru: Companhia das Letras/Edusc, 2009.
- ZERON, Carlos Alberto de Moura Ribeiro. *Linha de fé: a Companhia de Jesus e a escravidão no processo de formação da sociedade colonial (Brasil, séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Edusp, 2011.

Recebido: 07/02/2012 – Aprovado: 09/11/2013